



REVISTA HERMÉTICA

Jornada para Si

Edição: Novembro - 2021

"Gnose - Intuição da consciência e consciência da intuição"



SOBERANO SANTUARIO AMERINDIO

Antiga Maçonaria Mística Oriental

Primitivo Rito Gnóstico

Edição nº 05

A presente publicação não está à venda e é destinada aos membros do Rito Gnóstico.

Ela também pode ser acessada pelo sincero buscador na internet, no site:

<https://www.maconariagnostica.org/revista>



SOBERANO SANTUÁRIO AMERÍNDIO
Antiga Maçonaria Mística Oriental
Primitivo Rito Gnóstico

SUMARIO

COMO OBTER A VERDADE?

FR+ Ir.: Leigo - pag. 2

QUEM É JESUS?

FR+ Ir.: Leigo - pag. 2

ASPECTOS E ORIGENS DO RITO

Fratello Arturus – Grão Mestre Mundial - pag. 3

EGRÉGORA

Ir.: Promætheos - pag. 11

TRADIÇÃO E ANTITRADIÇÃO

Fratello Ennio - pag. 19

LUZ ASTRAL E PLANO ASTRAL

Ir.: Jules Boucher - pag. 25

TETH E DJED

Fratello Carlo - pag. 27

CAMINHO ESPIRITUAL – ETERNO APRENDIZ

Irmã Karol Carvalho – pag. 30

DIA DE FINADOS – A MORTE NÃO EXISTE

FR+ Ir.: Leigo - pag. 33



COMO OBTER A VERDADE!

FR+ Irmão Leigo

Caros peregrinos.

Jamais a verdade lhe será ensinada.

Tu jamais a encontrará numa ordem, igreja ou templo religioso.

Lembre-se de que a verdade está oculta sob o véu do mistério e sob a lei do segredo.

A gnose, que é o verdadeiro conhecimento, ela só pode ser revelada aos nossos legítimos irmãos da ordem interna, aqueles que também enfrentaram suas próprias provações e conquistaram a cidadela do ser.

Logo, o nível da veracidade de determinado conhecimento será mensurado de acordo com a erudição do buscador, estando meramente oculta dos egoístas, disfarçada para os fracos, enlouquecedora para os ímpios, que se pudessem agarrar alguns fragmentos dessa verdade superior, fariam dela uma arma letal.

Guarde-a em seu coração e deixe-a falar por meio de suas obras, pois será por intermédio delas (suas obras) que seus verdadeiros irmãos irão lhe reconhecer como tal! (MICTMR).

A fé será sua força;

O conhecimento a sua espada;

O silêncio a sua armadura impenetrável.

FR+ Irmão Leigo

QUEM É JESUS?

FR+ Irmão Leigo

Caros peregrinos.

O nome JESUS, em hebraico YeHShvaH | I-H-SH-V-H, não representa um homem vivo, mas corresponde a centelha divina sempre viva em nós, estando encarnada ou crucificada em nosso centro e por isto, sendo o nosso verdadeiro ser.

Ieshuah (Yod-He-SH-HE), é dito ser o filho do deus criador Yahveh (Yod-He-Vav-He)!

Mas o que isto significa?

BARA BNEI em hebraico significa Filho de Deus, porém decompondo o termo, teremos:

BNEI - filho

BARA - criar

AB - pai

ABR - Penis

BAR - Poço (ou útero)



Em síntese, Jesus para nós é o deus que habita nosso íntimo, plantado desde a primeira união do homem com a mulher; e desabrocha como Cristo durante a jornada da vida no centro da cruz corpo.

FR+ Irmão Leigo



NOTAS PRELIMINARES SOBRE ALGUNS ASPECTOS E ORIGENS DO NOSSO MÉTODO

Fratello Arturus- Grande Maestro Mundial

Caríssimos.

Gostaria de resumir algumas dissertações, alguns conceitos que várias vezes nos empenhamos na tentativa de adquirir um conhecimento cada vez maior de nós mesmos.

Por esse motivo, também voltarei a propor várias sugestões.

Estou convencido de que me mover de uma certa maneira, usar certas roupas, pronunciar determinadas frases, usar símbolos e depois os respectivos elementos (água, fogo, incenso, etc.) isso nunca deve ser feito apenas como obrigação.

É óbvio que todos podem e devem questionar se determinada atividade, até então utilizada, é correta, lícita ou não.

Os Mestres de cada geração se viram diante deste e outros problemas semelhantes.

Há a imprescindível necessidade da Transmissão Oral específica para completar os ensinamentos escritos, sugerindo a melhor forma para a aplicação interior e exterior do método operativo, o qual não é escrito em



detalhes explícitos nos textos ritualísticos das diversas câmaras iniciáticas e seus respectivos graus, mas que obrigatoriamente devem ser compreendidos sem superficialidade.

Essa necessidade de uma transmissão oral esclarecedora obviamente aumenta de geração em geração, pois há as atitudes mentais de cada geração com inevitáveis mudanças.

As explicações orais visam, no entanto, limitar-se a indicar a direção correta, mas jamais explicar o que será revelado a todos. Caso contrário seriam dogmas condicionantes e manipuladores, ao passo que deve ocorrer ao contrário, isto é, a intuição deve ser exercitada e sempre mais limpa das sugestões dogmáticas de qualquer tipo.

Por este motivo, a tarefa natural dos Mestres em instruir os seus Aprendizes nas formas habituais das gerações passadas, pode revelar-se insuficiente em algum momento, se não se adaptar à linguagem e aos contextos das tendências temporais, tornando-se necessário para isto, uma atualização com interação formal e trocas de contextualizações especiais numa linguagem moderna, sem que haja alteração na essência significativa dos símbolos. Os Aprendizes teriam assim a oportunidade de aprender os antigos ensinamentos na sua própria linguagem com os seus Mestres logo que estiverem prontos, deixando doravante de serem apenas Aprendizes para transmitir, por sua vez como novos mestres, os conhecimentos iniciáticos tradicionais com a sua prudente interpretação, elaborando por si a transição da teoria já ultrapassada e antiquada à prática mais atualizada, algo indispensável para a realização com eficiência dos trabalhos teúrgicos, práticas meditativas e demais pesquisas e estudos previstos ao seu grau, que por outro lado, trazem consequências positivas à aplicação na vida cotidiana.

É claro, portanto, que o desenvolvimento da nova interpretação requer uma adaptação precisa e contínua à linguagem moderna com relação ao contexto simbólico e iniciáticos para os diferentes problemas e contextos existenciais, que em via de regra, devem ser enquadrados.





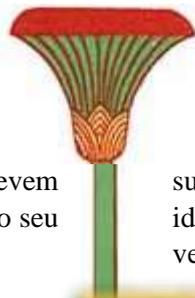
A iniciação maçônica esotérica é uma tradição "viva" para a qual os sábios mestres, exímios estudiosos sobre o tema, tanto na decifração da liturgia escrita quanto da operatividade oral, devem ser rigorosamente qualificados e autorizados pelo seu iniciador para praticar e transmitir.

No entanto, o próprio método prevê que haja a possibilidade de encontrar questões muito difíceis de resolver, como exigir "conhecimentos superiores".

Quando surge um insight importante que precisa ser investigado, seja para questões intuitivas, seja de divergência de entendimento, seja uma questão de lei, regras ou questões de sua aplicação de maneira controversas, será imprescindível e apropriado entrar em contato com os membros do alto escalão do Soberano Santuário e fazer a eles as perguntas necessárias, de forma a receber sugestões úteis para a resolução desse problema pontual, respeitando sempre a hierarquia da ordem e do rito.

Nossos Mestres são devidamente treinados presencialmente na tradição escrita e oral, métodos necessários para equipá-los pelo menos com as ferramentas mínimas relativas às três principais vertentes iniciáticas ("Hermético-alquímica", "Astrologia" e "Cabala") que regem a nossa ritualística, inspirada em parte pelo Hermetismo Místico Greco-Egípcio, Greco-Alexandrino e Greco-Romano, resultado final ou frutos dos pensamentos de muitas experiências dos antigos mestres ao longo de um período de tempo demasiadamente longo.

Por isso, por vezes, me ocorre constatar a forma como um rito esotérico e teúrgico é caracterizado, em que colheu os frutos dos vários elementos de distintos caminhos iniciáticos voltados para uma única direção, a "Luz", sendo, portanto, o resultado final do pensamento e do "conhecimento" derivados da inspiração introspectiva dos Mestres do passado, consequência de sua uma conexão com os planos superiores do Espírito e depois, maturados ou retirando proveito da experiência dos problemas que de vez em quando se apresentam em sua vida, bem como, aproveitando as trocas de opiniões que se realizam dentro da loja, do templo e no santuário das diferentes escolas secretas de mistérios, nas quais ocorre interação especial entre o mestre e o aprendiz.



Hoje, não é raro acontecer, em meio a tanta "cacofonia" gerada sobretudo por entidades falsas, mescladas com aquelas ainda suficientemente saudáveis, que não é mais fácil identificar claramente para cada uma, uma linha, uma veia ou um específico objetivo a ser alcançado.





O que se busca dentro da maçonaria?

O que tu buscas na ordem que frequentas?

Nas organizações onde a conexão se manteve ainda efetiva com a esfera espiritual e tradicional, cada texto pode aparecer, por vezes, independente, único e cada um deles focalizaria os pontos em torno dos quais se referem as principais referências nos respectivos períodos em que foram criados.

Nessas estruturas verdadeiramente tradicionais, por isso mesmo, por serem tradicionais, nunca há o sinal de um autor único e específico, mas rastros de um trabalho coletivo, que reflete as qualidades e a influência de toda a egrégora (egregore).

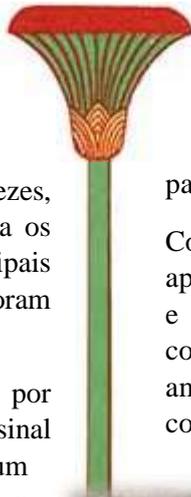
Não só os ensinamentos são atualizados com a opinião de inúmeros mestres e personagens anônimos, os quais propuseram argumentos formativo de sua época, mas também, abrangendo o espírito geral da ordem e do rito que sempre prevalece, sem interrupção, mesmo quando um eminente Sábio dessa escola havia manifestado sua opinião alterada ou diferente.

Uma liturgia, além de conter os rituais específicos para as operações teúrgicas, indispensáveis para abrir vínculos com o campo metafísico (são sempre exclusivos, segundo as matrizes espirituais da egrégora específica), trata de vários assuntos, ideais e problemas.

Todo trabalho, incluindo seus múltiplos rituais, não se revela como um mero compêndio das teorias dos Mestres do passado e, portanto, não deve ser julgado de acordo com critérios históricos, mas deve ser sempre considerado vivo e atualizado.

Embora os distintos ensaios de uma via tradicional tenham o mesmo e único foco da alcançar a luz, respeitando as diferentes facetas dos vários textos publicados em sua história, situando-os sempre e corretamente nos períodos em que se originaram, as distinções e alterações serão somente e sempre mencionadas quando forem estritamente necessárias.

Geralmente, indo além da leitura superficial (leitura típica dos não iniciados) e trivial (leitura por parte daqueles que, mesmo sendo iniciados, não conseguiram encontrar o seu próprio caminho), independentemente dos graus, honras e títulos, o tempo não é considerado sempre o mesmo em seu fluxo, pois o presente não anula o passado, e o futuro é visto como o fruto que vai nascer da somatória de



um todo estruturado harmoniosamente, sendo, portanto, um organismo vivo em constante desenvolvimento, no qual a integralidade total da tradição presente permanece indiscutivelmente fundamentada no passado.

Como se sabe, todo texto litúrgico tem aproximadamente dois aspectos: Exotérico (revelado) e o Esotérico (secreto), em que ambos se complementam. Somente levando em consideração ambos (exotérico e esotérico), talvez possamos compreendê-los em sua totalidade.



O primeiro aspecto (exotérico ou revelado) refere-se ao conjunto de regras de comportamento prático, ético, formativo, são os aspectos históricos de uma estrutura construída sobre o conjunto de interpretações homiléticas, racionais e filosóficas.

O segundo aspecto (esotérico ou secreto) se desenvolve sobretudo como resultado da mudança real da personalidade que permite assim uma eficácia particular no exercício da intuição quanto ao que pode fluir da esfera espiritual. A rosa já foi símbolo do conhecimento renascentista e nos dias atuais refere-se ao desabrochar da alma, cujo cheiro são raios de luz



do conhecimento gnóstico originado no seu broto (interior).

Na realidade, há mensagens sublinhadas, ensinamentos ocultos nas entrelinhas das palavras e frases do ritual, que são escritos num código que nos cabe tentar decifrar e compreender através da introspeção (meditação), utilizando, como já foi mencionado, além da interpretação das lendas e mitos Greco-Egípcios, Greco-Alexandrinos e Greco-Romanos, os conhecimentos (pelo menos o básico) do Hermeticismo, Alquimia, Astrologia, Cabala, etc.

Tais ensinamentos dizem respeito aos tradicionais e antigos métodos que direcionam a mente do iniciado à arte de intuir e talvez compreender, embora de forma extremamente hipotética, aproximada e confusa, as pequenas centelhas de conhecimento arcanos (gnose), alcançado a cosmogênese, isto é, como talvez a criação universal poderia ter ocorrido e qual nosso papel nessa criação cosmogônica, configurada nessa estrutura espiritual íntima e extremamente complexa do nosso ser em relação ao universo.

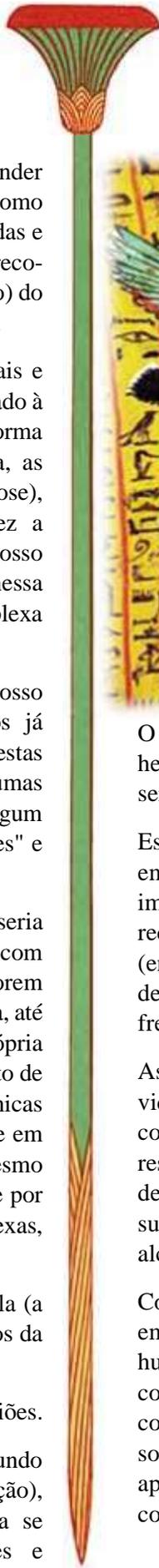
Sei que para qualquer profano (não estudantes), posso parecer bastante incompreensível, mas para os já iniciados (estudantes assíduos) provavelmente, nestas poucas linhas que escrevo, poderia haver algumas dicas interessantes, talvez para identificar algum aspecto de suas próprias "fraquezas", "debilidades" e também "virtudes".

Na verdade, para um buscador espiritual sincero, seria útil investigar, enquanto leva a repensar, talvez com alguma preocupação (especialmente se eles forem profundos e difíceis de compreender) sobre o tema, até mesmo sobre as vestimentas hipotéticas da própria alma, talvez aquelas concebidas segundo um ponto de vista cabalístico, que embora sempre polifônicas (várias versões), porém e principalmente, sempre em convergência entre essas várias vozes, ou mesmo seguindo apenas os pontos de vista egípcios, que por sua vez são extraordinariamente complexas, dependendo dos períodos e das localidades.

Seriam pensamentos-ações por meio dos quais ela (a alma) entraria em relação com os múltiplos planos da realidade em que parece existir.

Já o discutimos várias vezes em várias outras ocasiões.

De acordo com o misticismo judaico, no mundo material da causa (ação) e dos efeitos (reação), chamado pelos cabalistas de MalKuth, a alma se reveste, como esperado, com as habilidades e substâncias psicofísicas do corpo, a fim de interagir



com aquela realidade sensorialmente perceptível e que é de alguma forma caracterizada por tempo e espaço lineares, no qual uma parte residiria provisoriamente até despertar e se libertar.



O corpo seria o receptáculo da alma (chamada em hebraico "Nefesh"; uma alma comum para todos os seres criados, inclusive animais).

Esse corpo físico estaria ligado, por meio da alma, à emanção espiritual luminosa, que é mental e imaterial. Assim como as funções de um rádio receptor, o corpo é animado pela alma universal (energia elétrica), dá-lhe uma forma e age em função dela é dirigida pelo mental/espiritual (corresponde a frequência das ondas de rádio captadas pela antena).

As alterações das culturas, de seus hábitos, ritmos de vida, relações sociais parecem ter gerado novos costumes que seria "estranho" à primeira, porém resultando em intensas e incontroláveis emoções derivadas da nova percepção dos perigos, reais ou supostos. E a isto a alma assumiria novas posturas alcançado também novos planos conscienciais.

Como já foi lembrado várias vezes, o medo é uma das emoções primárias, comum, tanto para a espécie humana quanto para muitos animais. Está compreendido normalmente, para apoiar o que é comumente conhecido como "instinto de sobrevivência" e altera a estrutura corporal, aperfeiçoando-o para alcançar esferas do conhecimento mais elevadas.



No entanto, há uma determinada inquietação mental, psicológica e moral que se manifesta em alguém, que suponho ser esse excesso de perturbação e medo algo que não deve ser subestimado, busca novos horizontes.

Sofrer essas emoções leva a enlouquecer a inteligência, calando o instinto e melhorando a intuição, melhorando qualquer conexão da esfera animal com a espiritual e não raro, preparando para as condições de acontecimentos muito agradáveis.

Obviamente, por exemplo, na vida cotidiana, uma pessoa interage para melhor ou para pior, com outras pessoas em situações extremamente variadas; em particular com: membros da família, locais de trabalho, estruturas sociais, organizações religiosas, etc.

Em todas essas ocasiões, é necessário estar ciente da existência de normas, costumes, etc. as quais, embora muitas vezes variáveis, exigem a aceitação de responsabilidades, para que a mesma liberdade existencial pessoal, as potencialidades de cada um, possam ser expressas sem colidir com as dos outros.

Para ser eficaz, tudo isso apresenta múltiplas referências hierárquicas, gerenciais e funcionais para uma organização harmoniosa.

O egocentrismo pode achar desagradável qualquer limitação e por isto, levar mais ou menos conscientemente a atitudes pessoais de rejeição, disruptivas, proporcionais à força das paixões que os impelem a mudar.

Na vida de todos os seres humanos podem ter acontecido coisas muito intensas emocionalmente (doenças, perdas, afetos, trabalho, estudo, etc.).

Eles são tão fortes, difíceis, agressivos, que não dão um vislumbre de qualquer tipo de escape, que perdem a esperança em alguma solução aceitável.



Essa situação psíquica que leva à mudanças, também pode caracterizar grave aflição de desânimo que nos impede de ser sujeitos cognitivos, senhores criticamente da realidade.

Relacionamentos de todos os tipos, estima na família ou no trabalho, segurança básica, traços de resposta interpessoal são vivenciados como variáveis subjetivamente determinantes para aumentar ou diminuir a capacidade intuitiva para uma situação mental psíquica.

Por exemplo, tanto a solidão como a coexistência forçada excessiva com outros sujeitos pode revelar mudanças de caráter não apenas neles próprios.

Você pode ter se envolvido em situações de intolerância progressiva, quando certa série de gratificações foi adiada ao longo do tempo.

Os impulsos resultantes correlacionavam-se com as emoções da alma que pressionavam e pressionavam para se expressar instintivamente em ações em determinado sentido.

Aqueles que são vítimas de seus próprios impulsos, portanto com pouco autocontrole mental, muitas vezes também têm pouca consciência da própria identidade de sua alma.

Pouco se sabe um sobre o outro ente humano.

Em suma, as sensações percebidas em sua maioria levam a se sentir vítimas de um destino injusto. Porém, se você não procura as causas reais, verdadeiras e originais, que são interiores, mais você perderá tempo lutando e menos você ganhará espiritualmente com isso.

Uma vez que tais situações também podem envolver um iniciado (pode acontecer a todos nesta nossa existência material), só posso sugerir que tente parar, parar o frenesi das ações errantes, para poder ouvir os pedidos da sua consciência íntima (assim como rádio capta as ondas sonoras mais elevadas e sutis), buscando meditar, mesmo que provavelmente não lhe seja nada agradável.



Então, talvez as sugestões de "outro nível" também venham, através do canal coraçõamente que "pode" começar a se reabrir.

Em todo caso, aqueles que afirmam estar trilhando pelo menos um dos múltiplos caminhos da busca espiritual poderiam proceder com alguma análise sobre si mesmos para avaliar se realmente avançaram um pouco ou se apenas fantasiaram em fazê-lo.

É importante verificar-se ciclicamente, independentemente do que nos esteja acontecendo, para melhor ou para pior.

Se você deixar passar muito tempo e depois descobrir que passou por fantasias de todos os tipos (sem evoluir, pois não deu os passos corretos e necessários no campo metafísico) e que sentir a necessidade de descobrir o que está acontecendo para continuar a viver na dor, na miséria, como qualquer leigo sob domínio de todas as baixas paixões e seus consequentes problemas, sugiro que não se assuste e nem desanime. Isto seria apenas uma confirmação de que ainda não nos conhecemos bem o suficiente, que ignoramos as regras e necessidades físicas que são condicionadas pelas necessidades materiais naturais e que nosso nível espiritual ainda não está muito evoluído.



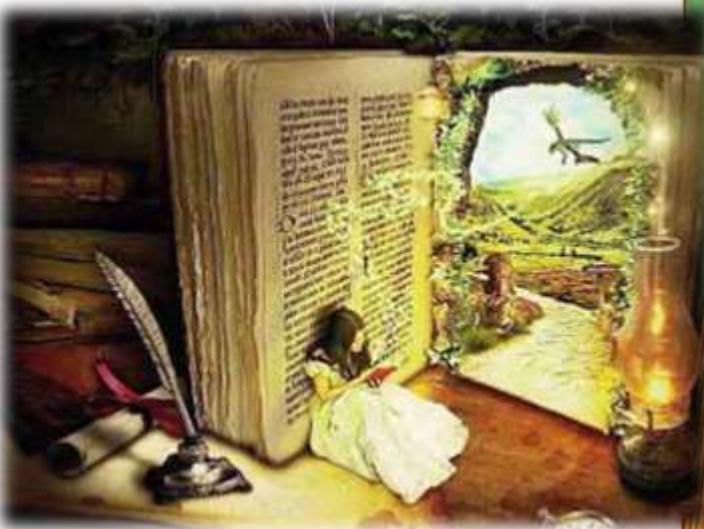
Por exemplo, até onde posso deduzir prudentemente, no Sefer Yetzira (e na bela publicação de Aryeh Kaplan que sugiro que vocês também leiam) as Sefirot são descritas e designariam alguns Atributos Divinos. Na verdade, ar, água e fogo são descritos como o Espírito Divino, ao qual são adicionadas as seis dimensões, ou direções: altura, profundidade, leste, oeste, sul e norte.

Com eles, o Criador Supremo dominaria toda a Criação.

Enquanto o Espírito permanece firme no trono pela eternidade, junto aos outros atributos Sefiróticos ele teria esculpido as vinte e duas letras do alfabeto hebraico, forjando com o caos primordial, moldando o Trono da Glória e com os outros seis ele teria selado as seis direções.

No texto, em sua primeira aparição, a Sefirot expressaria tanto a noção de número, perfeito e infinito, quanto a de esplendor.

Além disso, eles estariam ligados por um movimento interno muito necessário quão incessante, em virtude do qual eles iriam e voltariam.



Por falar em conhecimento hipotético do mundo material e espiritual, uma das bases de sustentação que interagem com as nossas liturgias pode levar-nos a investigar mais ou menos a fundo, nos limites dos atributos pessoais, as múltiplas correntes cabalísticas.



O ar procederia do Espírito, a água do ar e o fogo da água e também as seis Sefiròt restantes, ao encerrar a totalidade do espaço, implicariam um movimento que o cobriria em sua totalidade.

Em Sêfer Yetzira, entretanto, os Sefiròt, dependendo do texto (várias versões são conhecidas), ainda não foram designados com o nome que assumirão mais tarde na literatura Cabalista.

O Sefiròt seria estruturado de acordo com um princípio de descida de cima, do ponto mais próximo da Divindade que seguiriam em direção ao mundo inferior, terreno, representando os graus sucessivos com os quais o poder Divino se manifesta no cosmos.

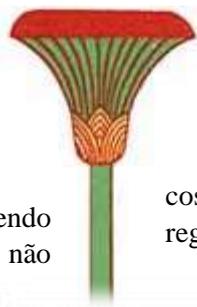
Eles seriam designados, pelo menos em parte, conforme lemos, por exemplo, em um versículo do Divré Hayamim (1Crônicas 29:11) em que Davi abençoa o Senhor por meio da lista de seus atributos:

"... Tu és, Senhor, a grandeza, o poder, a honra, beleza, a eternidade e glória, porque tudo que há no céu e na terra é teu. É teu, Senhor, o reino, pois estás elevado acima de tudo e de todos..."

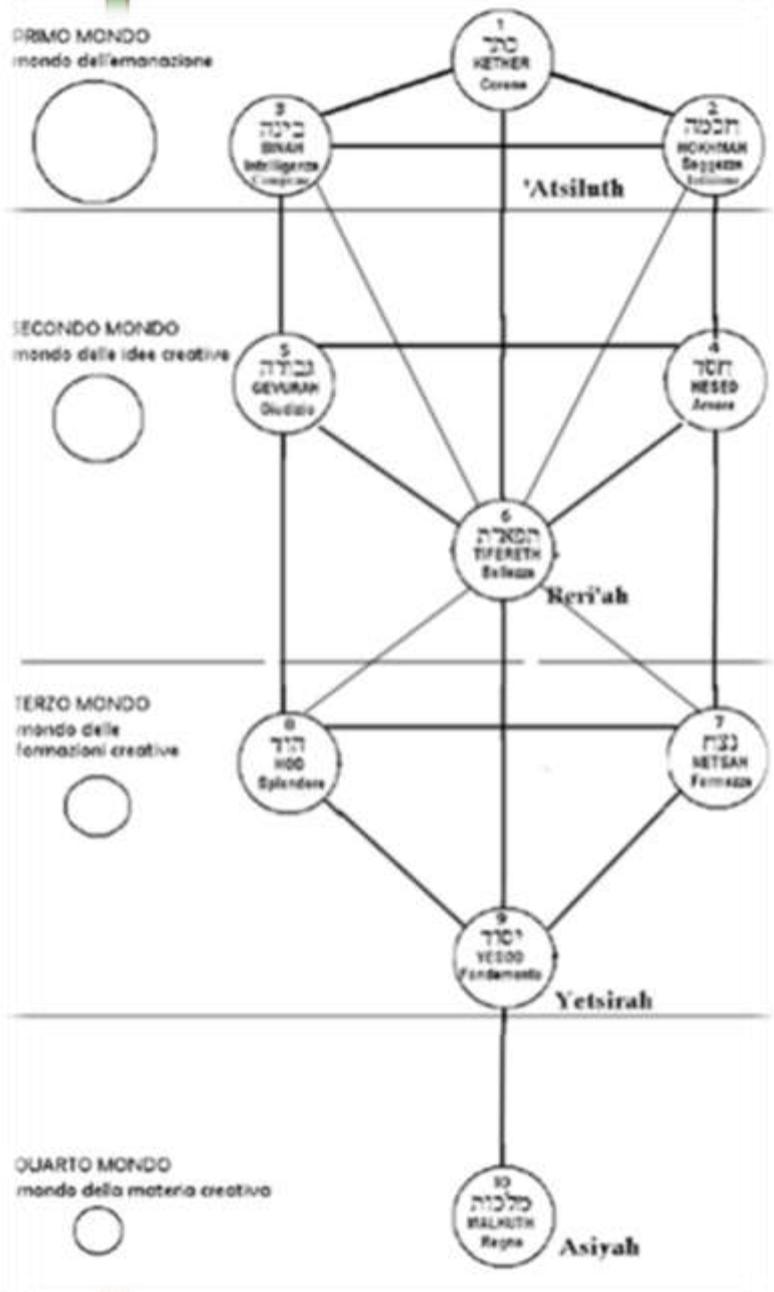
Assim, do mistério de Kèter (Corona de Poder e Grandeza), passaria para o mistério de Chochmà (Intuição e Sabedoria), a fim de penetrar no dinamismo da Criação em Binah (Compreensão e Intelecto), depois por Chessed (Amor), Ghevurà (Força e Justiça), Tiferet (beleza), Nèzach (Vitória e Eternidade), Hod – (Esplendor e Glória) e Yessòd (Fundação e Paz), até o mais baixo e inferior em Malkùt (Reino e Graça).

Os textos cabalísticos estão repletas de imagens alusivas e evocativas em que o processo é descrito como a irradiação de luz ou o escoamento de água da fonte nascente ou ainda a imagem que ficou muito famosa da árvore da vida que tem as raízes voltadas para o alto e as folhas para baixo.

A noção de uma distância cada vez maior do En-Sof (ou Ayn Sof), à medida que se desce da primeira Sefira à última, parece ser equilibrada pelas correspondências que ligam os diferentes graus entre si e pelas simetrias que mais unem distantes Sefirot.



Para qualquer pessoa, o aspecto dinâmico da estrutura da Sefirot é difícil de resumir em palavras. Pode-se supor que a estrutura da Sefirot não seria estática e imóvel; pelo contrário, expressariam o dinamismo do cosmos e representariam o princípio de harmonia que rege a realidade.



Eles seriam o alimento da vida e, ao mesmo tempo, a causa da destruição e da morte; na verdade, eles também expressariam o desacordo eterno e a atração mútua dos opostos.

A Sefiròt daria origem à mudança incessante que transforma cada ser e cada aparência e, precisamente em virtude desta natureza, podem guiar o homem no caminho do conhecimento.



Concluo, por enquanto (mas poderíamos, deveríamos escrever continuamente sobre isso), permitindo-me destacar mais uma vez, como a Humanidade vem tentando há milênios, investigar a possibilidade de se aproximar daquelas áreas metafísicas que lhe parecem tão distantes, que não se limitam às únicas possibilidades de exploração sensorial.

A tradição sempre sugeriu, entre os vários canais, a possibilidade de empreender diversos caminhos iniciáticos, influenciados pelo Espírito.

Portanto, essa opção realmente existe. Porém, as escolhas são exclusivas de cada um.

No entanto, repetirei várias vezes: a oportunidade de empreender um caminho iniciático não pode e não deve originar-se apenas da curiosidade e / ou da mera necessidade de melhorar a própria formação cultural pessoal, mas nem mesmo a social, econômica ou geral.

Se fosse esse o caso, não seria possível dar um passo sequer na direção certa.



Por fim, sugiro atenção especial para quando pode ocorrer uma espécie de cansaço psicofísico, de preguiça profunda que parece impedir tudo, o que leva a passar o tempo sem produtividade, ficar numa espera que não se espera, numa sistemática falta de incentivo interior, ainda que aparentemente não se perceba, evitando trabalhos que acha-se serem enfadonhos e cansativos, pois fazem assumir responsabilidades, para a qual desculpas geralmente são inventadas e descarregadas, acumulando assim atrasos e descumprimentos, quase sempre procurando responsabilidades externas em outros lugares, assumindo formas mentais, psicológicas, muito semelhantes às egocêntricas, primitivas, de um adolescente, senão de uma criança mimada que odeia cumprir com suas obrigações.

Sobre tudo isso, repito, são indispensáveis:

"Vigilância e Perseverança".

Além disso, será oportuno lembrar que é direito de todo Iniciado trabalhar para conquistar sua própria liberdade interior; portanto, poder aproveitá-lo e progredir dentro de uma estrutura que, justamente por isso, se organiza com regras precisas especialmente seu serviço pela egrégora e não o contrário.

ARTURUS – GRANDE MESTRE MUNDIAL





EGRÉGORA

Ir.: Promætheos

(Welder Oliveira)

Antes de iniciar diretamente com o tema principal, sobre a Egrégora, penso ser necessário expor uma breve introdução sobre os universos invisíveis e suas leis, ou seja, uma dimensão cujas manifestações não podem ser interpretadas pelos cinco sentidos humanos.

A Tradição Esotérica Ocidental, por intermédio dos rosa-cruzes, ensinam-nos que todo universo tem sua existência em uma energia universal que vibra em cada partícula do universo visível e invisível.

Os iniciados místicos atuais utilizam a ciência tradicional para comprovar esta afirmação, embasados na teoria de que tudo no universo é formado por átomos, que possuem energias oscilantes as quais também são conhecidas pela ciência tradicional.

Compreendendo e aceitando a afirmação de que o universo é formado por uma energia universal vibratória e que a ciência convencional também concorda com esta afirmação, (*através da teoria de que toda matéria é formada por átomos*), podemos dedicar ao que realmente nos interessa, que é o modo como ocorre a percepção desta energia vibratória através dos nossos cinco sentidos.

Desde a mais longínqua antiguidade, os vétéros iniciados afirmam que esta energia universal se propaga por todo o universo na forma de vibrações. Já a ciência acadêmica afirma que esta vibração está presente em cada átomo que compõe todas as substâncias do universo, que vibram e se propagam no espaço em velocidades alternadas por segundo.

Como todas as substâncias materiais são constituídas da energia universal vibrante (*átomo*), conclui-se que todas as formas da matéria (*objetos, imagens, sons, cheiros, etc.*), vibram e que, se não fosse estas vibrações, as coisas terrenas não poderiam (jamais)

serem tangíveis aos nossos 5 (cinco) sentidos objetivos. Desta forma, são as vibrações da energia universal (átomo) responsáveis pela nossa percepção do mundo físico material.

Com efeito, portanto, são estas vibrações que afetam nossos órgãos dos sentidos e nos permitem Ver, Ouvir, Tocar, Cheirar e Degustar todas as substâncias materiais que nos cercam.

A ciência tradicional conseguiu tornar conhecidas algumas das frequências vibratórias existentes no universo, até mesmo algumas que são imperceptíveis aos sentidos humanos.

A ciência já conseguiu captar e mensurar as frequências vibratórias dos minerais, dos compostos químicos isolados, das ondas sonoras, ondas eletromagnéticas e onda luminosas.

Naturalmente, através dos cinco sentidos, somos capazes de captar algumas das frequências vibratórias do universo. Nesta prancha, utilizarei como exemplo apenas dois gêneros de vibrações, com o intuito único de melhor demonstrar a limitação humana para as vibrações da energia universal.

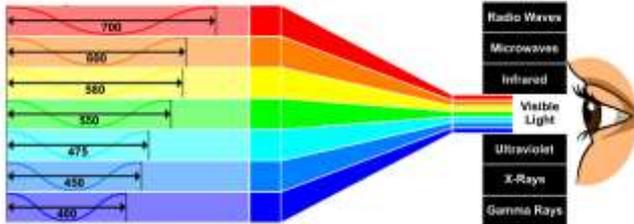
Quando o ser humano visualiza uma imagem, a frequência luminosa dessa imagem é captada na retina dos seus olhos, depois fundida e transmutada em linguagem cerebral através de um processo fisiológico mui complexo. Assim o primeiro processo da visão tem como objetivo inicial transformar a frequência vibratória luminosa, captada pela retina, em imagem ou linguagem mental. O mesmo ocorre com o processo da audição, que através dos órgãos do sistema audível, transforma as vibrações sonoras em uma linguagem mental que possa ser interpretada pelo cérebro.

Porém, como um ser limitado, o homem não é capaz de captar todas as vibrações contidas neste vasto universo vibratório através dos seus 5 (cinco) sentidos. Entretanto, esta nossa incapacidade de percebê-las não quer dizer que elas inexistam.





Para os humanos, a audição é normalmente limitada por frequências entre 20Hz e 20.000Hz (20 KHz), ou seja, as vibrações que estão abaixo de 20Hz (Infrassons) ou acima de 20KHz (Ultrassons) não podem ser ouvidas pelo homem. *(Pesquisas científicas revelam que os*



elefantes se comunicam através de infrassons e que os cães conseguem perceber os ultrassons).

Em termos de frequência luminosa, tem-se por correspondência que o espectro visível humano se define pela escala situada entre 400THz e 790THz, algo que é denominada pela ciência tradicional como Luz Visível. Desta forma as frequências abaixo de 400THz (Luz infravermelha) ou acima de 790 THz (Luz Ultravioleta) não podem ser captadas, ou melhor dizendo, interpretadas pelo sistema da visão humana. Porém isto não comprova a inexistência desta dimensão visual, pois as cobras veem no infravermelho e as abelhas enxergam o ultravioleta, que são faixas vibratórias para as quais somos cegos.

O que se conclui com tudo isso? Conclui e é demonstrado que existem universos invisíveis ou ocultos aos seres humanos, pois apesar dos cinco sentidos não serem capazes de captá-los ou interpretá-los, eles existem e são continuamente ativos em nossas vidas, influenciando cada ato e ação humana.

A DIMENSÃO OU MUNDO DA MENTE

A doutrina esotérica ocidental afirma que existe uma Região denominada “Dimensão Mental” ou “Mundo da Mente”. Segundo esta doutrina, é nesta dimensão que as forças do pensamento humano se misturam com as forças das inúmeras Hierarquias Celestes e os demais seres espirituais (*Mestres Cósmicos, Santos, Anjos, Elohins, Serafins, Orixás, Daemons, Insubus, Sucubos, etc.*).

Apesar de estes seres espirituais serem invisíveis aos nossos cinco sentidos, eles são mui ativos na dimensão mental, pois as forças emitidas por estas variadas hostes de seres se misturam com nossos pensamentos e assim manifestam suas influências no plano físico

consoante a energia cinética do seu impulso inicial (pensamento).

ENERGIA AURICA HUMANA

Antes de compreender como funciona o mundo superior, devemos primeiro aprender o funcionamento do nosso próprio corpo, que chamaremos de Indústria.

Nosso corpo (indústria) possui três grandes centros, que chamaremos de fábricas:

- A primeira fábrica é o ventre;
- A segunda Fábrica é o Peito (Tórax);
- A terceira Fábrica é a Cabeça;

No subsolo da nossa indústria corpo existem os órgãos de excreção, que assim como a lixeira das fábricas, servem apenas para expulsar as matérias inúteis do nosso corpo.

A Primeira Fábrica de nossa indústria corpo (o ventre) servirá para fornecer matéria prima para toda a indústria, ou seja, através da boca ela recebe os alimentos e os líquidos; através dos dentes a matéria sólida é triturada e no estômago ela é transformada em quilo. O quilo será a matéria utilizada pela Indústria corpo para repor algumas peças (músculos, nervos, tecidos, etc.).

A Segunda Fábrica (Peito ou Tórax) apodera-se dos elementos materiais oriundos da primeira fábrica (ventre) dinamizando-os com o oxigênio inspirado. Além dessa função, a segunda fábrica também restitui a força vital (oxigênio) aos elementos vitalizadores (Glóbulos vermelhos) que se espalham por toda Indústria corpo. Será através dos glóbulos vermelhos que a força vital dará origem a força nervosa (corrente elétrica).

Nesta segunda fábrica os pulmões possuem um papel fundamental, pois através das narinas eles aspiram o oxigênio para alimentar a força vital que anima todo o organismo humano.

A terceira fábrica (cabeça) se apodera da energia vital trazida pelo sangue e através do cerebelo converte esta energia em força nervosa (corrente elétrica), a qual se espalha por toda a indústria corpo através do sistema nervoso, concentrando-se nos gânglios do grande simpático. Estes Gânglios Simpáticos espalhados por toda a Indústria corpo serve como verdadeiros acumuladores elétricos e é através do Grande Sistema Nervoso Simpático por onde passam toda energia nervosa (correntes elétricas) que originam os



movimentos da nossa Indústria Corpo que é a Máquina Humana.

(Cabe ressaltar aqui que a qualidade da energia ou força nervosa do nosso corpo depende diretamente da qualidade do nosso sangue; Que a qualidade do sangue depende diretamente da qualidade do quilo, que depende diretamente do alimento que ingerimos. Desta forma explica-se por que um bom ou mau regime alimentar altera completamente a força nervosa humana e conseqüentemente sua relação com o plano exterior.).

Por toda parte óssea do nosso corpo percorrem cordões nervosos (ou fios elétricos) que conduzem as incitações oriundas da cabeça, indo do cérebro à periferia do corpo humano. Assim, quando mexemos as mãos ou os pés, uma corrente elétrica parte da nossa cabeça, percorre nosso corpo e chega até o membro a ser movimentado. Tendo em vista que toda corrente elétrica causa por consequência um campo eletromagnético, toda vez que mexemos, por exemplo, o braço direito, um campo eletromagnético é criado em toda extensão do nosso braço direito.

(Esta atividade eletromagnética do corpo humano foi nota de pesquisa científica pela primeira vez no ano de 1875, sendo utilizado na época um galvanômetro pelo Médico inglês Dr Richard Caton. Desta pesquisa surgiu os encefalogramas e com ele pode-se mensurar a atividade elétrica do cérebro na unidade de medida Micro Volts.).

Este campo eletromagnético pode ser captado através da fotografia kirlian. Neste caso, dependendo do gênero dos sentimentos (*amor, raiva, ira, bondade, caridade, paixão sensual, etc.*), o campo eletromagnético corporal manifesta-se através da

fotografia kirlian em uma determinada cor, que passa a ser chamada de Aura Humana.

Etimologicamente a palavra Egrégora pode ser encontrada no Latim “*aggregare*” que significa reunir, agregar, congregar; ou do seu derivado também do Latim “*egregor*” que significa ‘observador’. Este último termo (Egrégor) foi comumente usado no livro apócrifo de Enoch e também na Bíblia como referência aos Anjos. Há diversas passagens no livro bíblico de Daniel com este termo.

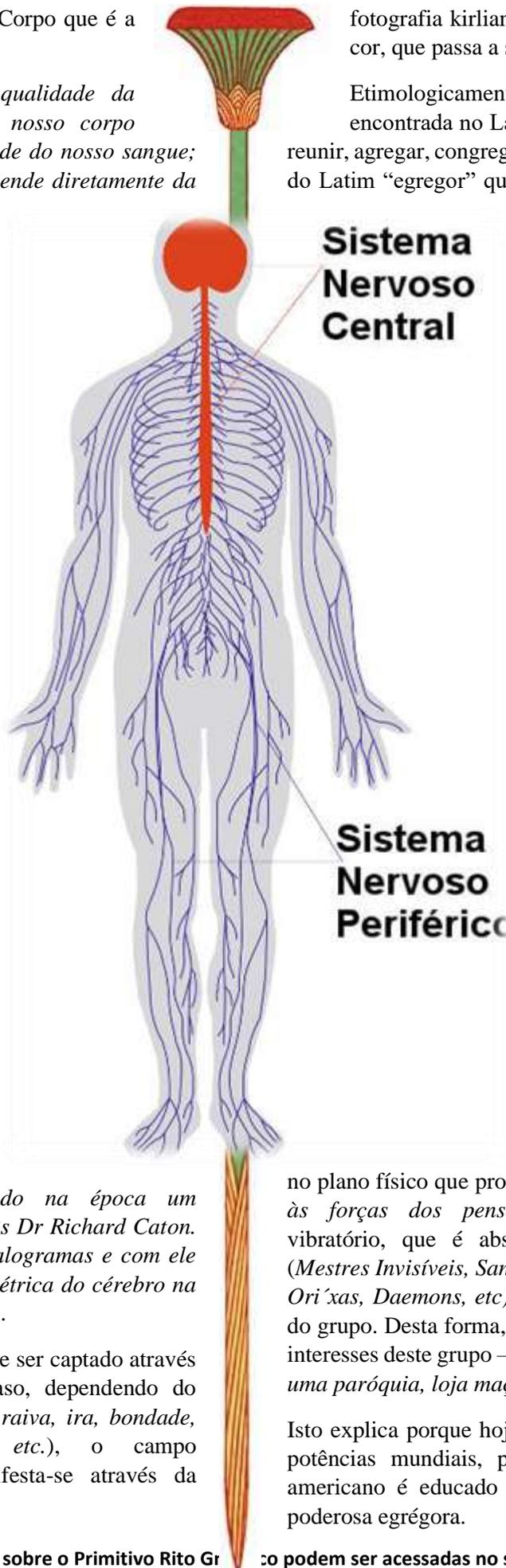
Apesar da sua etimologia já explicada, o termo Egrégora é atualmente mais utilizado para caracterizar:

- Uma força pensamento do grupo;
- Um ser invisível, formado pela ação comum de membros de um grupo;
- Um grupo de espíritos protetores de uma agremiação no plano físico;

Portanto, de tudo que foi afirmado, afirmamos que o termo Egrégora refere-se diretamente a um fenômeno produzido pela ação no plano físico de pessoas pertencentes a um grupo, o qual possui um objetivo comum, isto é, a prática constante e periódica de certos rituais

no plano físico que produz no plano invisível (*devido às forças dos pensamentos afins*) um campo vibratório, que é absorvido por um Ser Astral, (*Mestres Invisíveis, Santos, Anjos, Arcanjos, Serafins, Ori´xas, Daemons, etc*) que vibra na mesma sintonia do grupo. Desta forma, a Egrégora passa a cuidar dos interesses deste grupo – (*família, um grupo de oração, uma paróquia, loja maçônica, um país, etc*).

Isto explica porque hoje os EUA é uma das maiores potências mundiais, pois desde o berço, o norte americano é educado ao Patriotismo, criando uma poderosa egrégora.





O que vem a ser uma “força-pensamento?”

Existem dimensões físicas fora do que chamamos “plano material”, que os iniciados místicos conhecem já há séculos, mas que os cientistas atuais ainda estão engatinhando em suas experiências para conhecer.

Já existe prova científica da existência da aura humana que pode ser visualizada através da fotografia Kirlian.



A fotografia Kirlian mostra a nossa aura com as suas respectivas cores. Segundo os especialistas no assunto, são as cores mostradas na fotografia Kirlian que podem demonstrar o estado de saúde física e ou psíquica da pessoa naquele momento.

Nestas e em outras faixas vibratórias, imperceptíveis pelos 5 sentidos humanos, residem os infrassons, ultrassons, os pensamentos e as emoções. O plano sutil mais próximo do Plano Material é denominado pelos iniciados místicos como Plano Astral.

Uma egrégora é o conjunto e a somatória de energias mentais e de formas-pensamentos criadas no plano astral, por intermédio de um grupo ou agrupamento de pessoas que possuem uma mesma finalidade.

Como está escrito na bíblia, Mateus 18:20:

“Onde dois ou mais se reunirem em meu nome, eu estarei entre eles”.

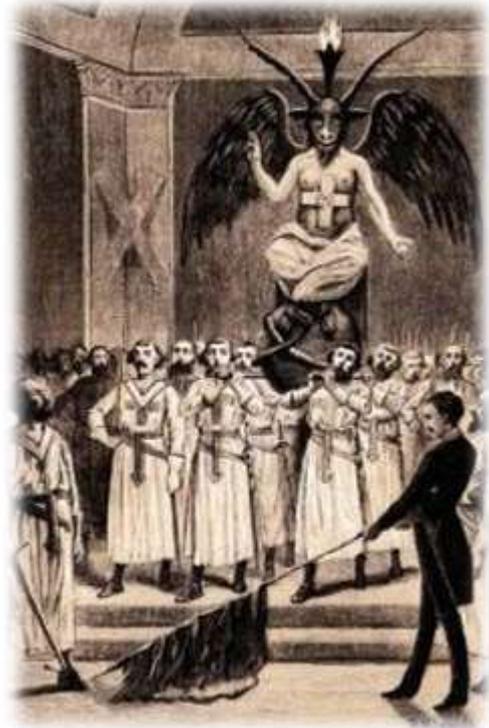
Ou seja: quando duas ou mais pessoas se reúnem ao redor de um único objetivo, estas formas-pensamentos se somam e geram algo maior, mais dinâmico. E quanto mais concentrados, intensos e constantes forem estes pensamentos, maior o campo de atuação desta egrégora. Aqui está o segredo e a base da Ritualística, ou seja, da repetição.

O trabalho templário regular, constante, harmônico somado aos interesses superiores de seus praticantes é a fonte geradora de um nível vibratório elevado, alimentador constante de uma Egrégora capaz de gerar

paz, evolução espiritual e conhecimento aos que dela usufruem.

O termo egrégora foi exposto abertamente pelos Teósofos da Idade Antiga, quando eles queriam se referir ao grupo de seres mais evoluídos, que são diretamente responsáveis pela condução da evolução da humanidade, que nós denominamos de **“Grande Fraternidade Branca”**.

No entanto, no seio das ordens iniciáticas, este termo tem seu uso mais antigo e pode ser encontrado nas seguintes ordens e círculos religiosos:



- Templários - a Egrégora foi centralizada na imagem do Bode de Mendes (BAPHOMET);
- Golden Dawn - foi centralizada nos Mestres Secretos;
- Na Rosa Cruz AMORC - foi centralizada no Sanctum Celestial;
- Umbanda - foi centralizada nos Orixás, Guias e Mentores Espirituais;
- Candomblé - foi centralizada nos assentamentos para determinado Santo e ou Orixá;
- Catolicismo - foi centralizada na imagem de Jesus (para toda igreja) e na imagem dos Santos (protetores de uma determinada paróquia);
- Maçonaria Comum - foi centralizada no GADU, que é potencializada pela “Cadeia de União”;



(Locais sagrados como a cidade Aparecida do Norte (Brasil), Lourdes (França) e Fátima (Portugal), têm egrégoras poderosíssimas, formadas pela fé e mentalizações dos devotos, acumulando as energias psíquicas dos fiéis.

Quando alguém consegue canalizar para si as energias psíquicas acumuladas na egrégora, isto provoca o conhecido "milagre". Esta é a explicação oculta para a realização de grande parte dos milagres que ocorrem. Os locais possuem egrégoras formadas pelas energias psíquicas de seus frequentadores que podem canalizá-las em seu benefício próprio através da fé).

Nos primeiros séculos, o termo Egrégora recebeu maior atenção dos escolásticos e tornou-se algo mais técnico, isto é, recebeu uma abordagem mais específica, voltada à Metafísica.

(Escolástico foi um sistema de pensamento crítico das universidades da idade média, que tentava unir religião com ciência).

EGRÉGORA NA METAFÍSICA ESCOLÁSTICA

Pelos escolásticos, a egrégora pode ser dividida em dois gêneros, egrégora intencional e a egrégora casual.

A egrégora intencional é o resultado da ação e interação de um grupo de pessoas que estão envolvidas no trabalho de um propósito "específico". Neste caso, a egrégora funciona como um animal adestrado que servirá ao propósito de quem a criou, sempre muito obediente, protetora e proativa.

Com relação à egrégora casual, ela é formada sempre quando as pessoas eventualmente se reúnem para fazer algo. Neste caso específico não há periodicidade no evento realizado pelas pessoas e por isto esta egrégora se enfraquece e desaparece. A menos que algo seja feito para mantê-la, ela se dissipará tão rapidamente quanto o grupo se desfça.

No entanto, caso as pessoas do grupo desejem que sua Egrégora seja mantida, será necessário conhecer certas técnicas para fazer com que a egrégora continue crescendo, ganhando força e com isso dure séculos.

(A cadeia de União utilizada pela maçonaria é uma dessas técnicas).



são:



- Possuem um propósito claro e bem definido;
- Congregam pessoas em torno desse propósito;
- Elegem uma liderança ao grupo;
- Escolhem um símbolo para caracterizar esse propósito;
- Consagram esse símbolo por "cerimônia" na presença do grupo e seu líder.
- Mantém reuniões regulares para tratar do propósito objetivado;

Como afirmado, todos esses elementos são essenciais para a constituição de uma egrégora, porém há alguns elementos que possuem maior importância na manutenção de uma Egrégora, conforme será mostrado mais adiante.

A vantagem de se ter uma egrégora é a seguinte:

A Egrégora criada se funde a outra egrégora invisível e desta fusão sua força se multiplica, tornando sua ação constante e muito mais forte que a soma das forças individuais de cada um de seus membros, isto é, ela age eficazmente pelo objetivo desejado 24 horas sem qualquer interrupção. Isso sem mencionar que por estar numa dimensão sutil, ela é capaz de antecipar alguns eventos que poderiam desferir algo contra um dos seus membros, protegendo-os.

Ela age continuamente nos e com os seus membros, influenciando-os e sendo influenciada por eles. Geralmente essa interação costuma ser de forma positiva estimulando e ajudando seus membros, basicamente por intuição, sonhos e por outras faculdades que o membro venha a possuir, desde que



estes ajam conforme o propósito desta egrégora (virtudes). A ação da egrégora estimulará todas as faculdades do grupo, facilitando a realização dos objetivos, sejam eles individuais e coletivos.

Se esse processo for continuado por muito tempo, a egrégora toma vida por si própria, e pode ficar tão forte que até mesmo, se todos os seus membros morrerem, ela ainda continuaria existindo no plano invisível por muito tempo, podendo ser reutilizada posteriormente por um grupo de pessoas que possuem a mesma proposta do grupo anterior.

MANUTENÇÃO DA EGRÉGORA

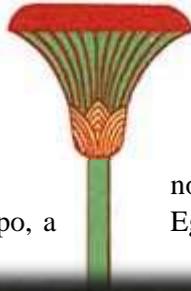
Uma egrégora traz grandes benefícios ao grupo e aos seus membros, porém como tudo na vida, ela também necessita de certa carga energética para sua manutenção.

Independente dela ser casual ou intencional, uma egrégora é como qualquer "ser vivo", visível ou invisível, ou seja, necessita de "alimento" para seu sustento (*existência*) e suporte para o propósito de sua criação.

A egrégora se "nutre" basicamente dos elementos que a criou, quer dizer, das emoções, pensamentos e outros materiais destinados para sua criação. Está na base instintiva da natureza, pois tudo que ganha vida luta por mantê-la (lei da sobrevivência). Com a egrégora ocorre a mesma coisa. Além disso, ela possuirá psicologia, intensidade e personalidade herdada dos próprios criadores.

A "alimentação" da egrégora ocorre durante os encontros regulares do grupo.

No caso dos grupos iniciáticos, mais especificamente a maçonaria, a Egrégora se alimenta durante o seu ritual e cerimônias regulares, onde a egrégora faz sua recarga através da energia positiva emanada pelos membros. Esta energia positiva é enviada aos oficiais



e destes para venerável mestre, que é o centro de canalização desta energia para a Egrégora invisível.

No momento em que a Egrégora se alimenta, novos pedidos e objetivos podem ser solicitados à Egrégora.



OUTROS EFEITOS COLATERAIS DA EGRÉGORA

Pode ser que o grupo se disperse por diversas razões ou mesmo por causa dos seus líderes começarem a agir contra o objetivo original.

Neste caso o "alimento" da Egrégora passa a ser suprimido. Assim a Egrégora passa a dispensar energia para outros objetivos, como:

- a egrégora tenta influenciar os membros para retornarem às atividades;
- caso não tenha êxito, começará a influenciar seus líderes mais intensamente, para buscar novos membros;

A família é um exemplo claro de egrégora. Quando uma família reúne seus membros toda noite para jantarem juntos (ritual), cria-se no astral uma egrégora familiar que se fortalecerá e manterá aquela família sempre unida, protegendo seus membros.



POSSÍVEIS PERIGOS NA CRIAÇÃO DE EGRÉGORAS

Como disse antes, uma vez que a egrégora ganhe vida e seja reavivada, ela lutará para continuar vivendo. Portanto, uma vez iniciados os trabalhos, os rituais devem ser executados regularmente.



É muito comum, nos tempos atuais, observarmos dissidências de Potências Maçônicas e criação de novas potências a esmo.

Nesses casos, a egrégora continua ativa e começará a “pedir” alimento, como um “cão sem dono”, aos mais próximos, isto é, às cabeças dos novos grupos que surgem.

A egrégora agirá exatamente como um obsessor ou cascão astral, sendo que estará mais fraca, tentando como último suspiro influenciar o retorno das atividades do grupo a partir de um membro.

EGRÉGORA MAÇÔNICA

Com afirmado, uma Egrégora representa o conjunto de formas-pensamento de duas ou mais pessoas, voltado para uma determinada finalidade. O conhecimento a respeito de Egrégoras talvez seja uma das coisas mais importantes. A Egrégora forma o coração e o espírito de todas as Ordens Iniciáticas e profanas. É ela quem protege e auxilia os seus trabalhos.

A egrégora maçônica existe desde os primórdios da humanidade, desde o aparecimento da criatura humana. Quando o homem começou a se reunir com

outros obreiros para edificar casas, prédios e templos, sua egrégora foi criada. Com a perseguição dos templários, que foram albergados nas oficinas dos pedreiros da antiguidade, passando a conviver entre eles, houve uma fusão entre as egrégoras (Maçônica e Templária), tornando-se a Egrégora Maçônica ainda mais forte.

COMO OCORRE O FORTALECIMENTO DA EGRÉGORA MAÇÔNICA

Antes de um Ritual maçônico, o Iniciado deverá estar revestido com a vontade pura e a retidão de propósitos ao ingressar junto à soleira do Templo para o início de mais uma jornada de trabalho.

A maçonaria aceita a presença da Egrégora em suas sessões litúrgicas. A egrégora é uma “entidade”, um “Ser” momentâneo que subsiste enquanto o grupo está reunido.

Para que a egrégora surja, há a necessidade de uma preparação ambiental, formada pelo som, pelo perfume do incenso e pelas vibrações dos irmãos presentes. Estas vibrações devem ser puras.

O maçom deve eliminar, ainda no átrio, todos os pensamentos inapropriados para o culto maçônico.

Todo trabalho e operação em loja maçônica são compostos de três partes: a “Abertura dos Trabalhos”, o “Trabalho” em si e o “Fechamento dos Trabalhos”, o que pode ser traduzido em abrir, alimentar e fechar a Egrégora. Esta ritualística de abrir e fechar egrégoras se repete absolutamente em todos os lugares iniciáticos: Cerimoniais Maçônicos, Rituais Rosacruz e Liturgias das Missas Gnósticas e ou Católicas.

Exotericamente (ou seja - visivelmente) o iniciado maçom entrará sempre na loja com o seu lado esquerdo ligeiramente avançado, para que toda energia positiva do lado direito seja preservada e se manifeste na cadeia de união com maior amplitude e intensidade.

Quanto mais se repete esta ritualística, quanto mais concentração se coloca nos pensamentos, quanto mais emoção se coloca na ritualística, maior e mais forte a Egrégora se torna; Em algum tempo, este verdadeiro colosso de energia mental, emocional e espiritual irá adquirir “vida própria” e passará a auxiliar todo o grupo.



Antes dos irmãos adentrarem o templo, o respeitável Irmão Mestre de Cerimônia, com um único golpe mântico do bastão no chão, ordena que todos os presentes elevem seus espíritos, pois os trabalhos logo se iniciarão.

Esotericamente (ou seja - internamente) com esse golpe mântico, o som se propaga e atinge nosso cérebro, (já intimamente ligado a egrégora), e desta forma ordena à mente uma maior disciplina, pois os trabalhos irão começar.

No exato momento da abertura e no curso da leitura de uma passagem do Livro da Lei, conforme o grau em que se abre a loja, inicia-se a congregação da Egrégora visível que se entrelaça a Egrégora espiritual.

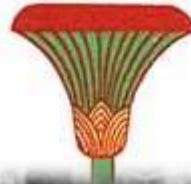
O maçom correto deve ter plena convicção de que as suas aspirações e desejos para o bem, ainda que apenas em pensamentos, não se perca, pois produz ideias-forças poderosas para alimentar a Egrégora.

Os mais sensíveis percebem esta entidade, ela se mantém silenciosa, mas atua de imediato, em cada maçom presente, dando-lhe a assistência espiritual de que necessita, manipulando as trocas energéticas de maçom para maçom, construindo assim a Fraternidade.

Para cada loja, forma-se a sua egrégora específica. Porém, esta entidade não deve ser motivo de adoração, pois é uma entidade formada apenas pela força mental e pelas vibrações do conjunto. A egrégora é apenas a materialização da força pensamento enquanto em loja, que deverá conectar (religar – Religião) ao G.:A.:D.:U.:.

Grande é sua atuação na Cadeia de União, que nela se alimenta e transmite seus benefícios a todos os irmãos.

Para se crer e entender o significado da Egrégora, impõe-se ao maçom primeiramente acreditar na existência da vida após a morte, que a Constituição de Anderson afirma em seu 20º Landmark, *“exige do maçom uma crença na vida futura”*.



Por isto não devemos nos esquecer que a egrégora de nossa Ordem inclui todos os maçons vivos e também aqueles que passaram pela transição e hoje vivem no Oriente Eterno.

A egrégora é, portanto, o resultado de nosso pensamento criativo nos planos físicos e espirituais.

“Aqueles que “nada vêem”, que “nada sentem” e que atuam “mecanicamente”, que participam da cerimônia só porque a isso foram conclamados pelo Venerável Mestre, devem aceitar o desafio de participação efetiva e espiritual na reunião. Então, só assim, hão de se dar conta que maçonaria não é um clube social ou recreativo, mas uma ordem que visa o bem e a evolução de toda a humanidade, atuando através da Grande e Poderosa Egrégora Maçônica”.

PROMÆTHEOS

(WELDER OLIVEIRA)



TRADIÇÃO E ANTI-TRADIÇÃO

Fratello Ennio

A milícia na fronteira entre a Tradição e a anti-tradição.

Essa expressão, usada por Flavio Cusin como subtítulo de seu livro '**O sentido da linguagem da arte régia**', é zelosamente guardada e protegida por nós; entretanto, depois de tantos anos de intangibilidade, mas também um pouco de esquecimento, é necessário um esforço para compreendê-la melhor e avivar seu espírito.

Podemos dizer que atinge o alvo, capta o ponto de um aspecto particular do caminho iniciático e representa a intenção externa de nossa presença.

No entanto, para um enquadramento mais geral das questões que se coloca e para as relações lógicas que pode ajudar a reconstruir, é um tópico que deve ser cuidadosamente considerado e aprofundado, ou seja, devemos nos concentrar em uma imagem eficaz.

A ideia de uma milícia, a ser praticada num ambiente iniciático e, portanto, reservado, elitista e "investigativo", remete certamente à Cavalaria, ao seu espírito secreto (como escreveu Gastone Ventura a respeito) e à sua finalidade universal.

Alguns aspectos importantes dessas questões já foram tratados na tabela 'Hierarquias espirituais e organizações humanas', à qual certamente nos referimos.

Algum traço desse espírito, guerreiro e cavaleiresco, é historicamente encontrado em algumas expressões emblemáticas como o "**Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam**", que esclarecem



que o propósito é "para a glória" não nossa, e, portanto, é universal; da mesma forma que na negativa se costuma dizer "Não trabalho para a minha glória", para indicar um fim de pouca utilidade pessoal.

No lema citado, distinguem-se duas "formas" de Cavalaria: a espontânea, natural e aristocrática, que remete a um ideal e supera as contingências humanas, e a institucionalizada em "ordens cavaleirescas", criada e finalizada pelos vários potentados que a têm e explora para o seu próprio benefício, longe da ideia original que é: 'o culto guerreiro da vitória e da Verdade'.

A necessidade de uma milícia cavaleiresca (parecia uma vocação), a atitude do cavaleiro errante contra os seus "eus", a busca casual, mas predestinada de algo inefável, mas que deve ser destemidamente merecido, embora sejam indícios claros,

infelizmente, permanecem quase ilegíveis para nós hoje.

Para o homem moderno, o que importa não é a jornada do guerreiro, a aventura e o conhecimento emocional adquirido, mas a posse de um objeto de papel que atesta o suposto sucesso alcançado: um pouco a diferença entre o Graal e a gôndola de plástico.

Por essa razão de transcender a uma realidade superior, um grande mercado se formou (por dinheiro), com livros, filmes, séries de TV e quadrinhos, para todas as idades: são margaritas dadas aos porcos, mas, porém, envenenadas.

É uma questão de mentalidade inadequada para o século?

Sim, mas não é tudo.



Não podemos ignorar a evolução dos costumes e do pensamento que acompanhou a história da Cavalaria.

Bem definida "a instituição política e social da Idade Média, que incluía os cadetes excluídos da transmissão hereditária do feudo, estavam unidos por um juramento de lealdade, não a um senhor, mas aos ideais de justiça e honra, de defesa da fé, dos fracos, das mulheres, isto conforme a moral celebrada pela poesia cavaleiresca".

A codificação, no final da Alta Idade Média, de irmandades de armas realmente datando de tempos imemoriais e com formas diversas em diferentes populações, mas com um espírito comum, a Cavalaria (como código de vida) foi, ou melhor, se transformou, em uma grande força militar, gradualmente, em sintonia com a evolução dos tempos; então, na nova era, tornou-se numa imitação de seu espírito pela a errante burguesia "**sine nobilitate**" (sem nobreza).

Com a passagem do cavaleiro das ordens da cavalaria, às religiosas-cavaleirescas e agora ao reconhecimento dos méritos militares para a burguesia administrativa ou comercial, é fácil compreender que se chegou a um ponto totalmente absurdo.

É tristemente ridículo que um político público que adulterou papéis em uma mesa durante toda a sua vida, torne-se num "nobre cavaleiro" e seja chamado de "Sar" após se iniciar nessa confraria.

A este novo Parsifal seria mais adequado dar o relógio pela sua dedicação habitual nas horas de trabalho, ou talvez "**tempus fugit**" (fuga do tempo).

Voltando às origens históricas novamente, deve-se notar que, em geral, os cavaleiros eram de família nobre, mas excluídos da sua propriedade, dos bens e das terras, as quais pertenciam apenas ao filho mais velho, que permaneceu ligado à terra e seus deveres familiares.

Os cadetes, por outro lado, apesar da escassez de recursos materiais, eram "livres" para buscar a realização de suas vidas e o faziam (diríamos) dentro da **Landmark** (marcos limites), como honra, fidelidade, justiça e verdade.



Apesar de sua predestinação, foi uma oportunidade notável.

Esse "livre", unido a "pedreiro", poderia ter alguma relevância naquela época?

Que sentido faz hoje falar de uma "milícia" que zela e atua na fronteira entre a Tradição e a antitradição?

O fato de as forças de Gog e Magog terem pressionado essa fronteira por algum tempo, deve ser visível até mesmo para os cegos; o que são essas forças, não é muito menos.



A referida fronteira é como a linha que separa o branco do preto, no nosso andar e no "Beauceant" templário (bandeira templária), não menos do que a verdade da mentira nas nossas consciências.

Trata-se de saber sempre a distinguir e percebê-la, como um equilibrista que anda sobre a corda ou como um montanhista que percebe a encosta da crista da neve, mais por instinto e hábito do que por ciência e lógica, aceitando os riscos que o acompanham como querer ser você mesmo.

Ser uma milícia de fronteira é essencialmente "presença" e fazê-lo como maçom deve ser uma "presença inteligente e construtiva".

Com quem temos que lutar?

Qual é o inimigo?

Como na fortaleza Bastiani do 'Deserto dos Tártaros' onde, mesmo com a gravidade do dever, não há nada que possa ser feito; para contrariar o tempo que foge, só resta a alternativa de ser que se é.



Que ele acabe por ser um inimigo humano é sempre possível, mas na realidade o grande oponente, agora quase mestre, é o Impessoal; todos os nossos esforços para dar-lhe corpo e rosto são irrealistas, mas é contra ele que



O PODER DE RENÚNCIA.

Já tratei de alguns aspectos da renúncia mais de uma vez e particularmente em uma dissertação sobre "O valor do rito e seu preço", inspirada em uma pequena, mas importante obra de Gastone Ventura. No entanto, nosso ambiente de vida e a maneira como o percebemos questionam continuamente esses ensinamentos tradicionais; lemos, entendemos, compartilhamos e no final dizemos "... sim, mas...". E o burro cai.

Esses conceitos, que não são de senso comum, mas de "super sentido", são inutilizáveis e até incompreensíveis no mundo profano e na vida cotidiana, mas pressupõe-se que em um contexto diferenciado e que tende a se qualificar como nosso, eles podem encontrar, se não compreensão total, pelo menos um espaço e

teremos que provar nosso valor.

Em tal situação não é em vão referir-se a um espírito "heroico", porque além do heroísmo de fazer e lutar, há também o de ter paciência e perseverança, reprimindo o tédio e os medos, sem fugir para outro lugar, sem ceder a corrupção ou adormecer diante a batalha, tenazmente como fazemos hic et nunc (neste momento).

Uma forma honrosa de cumprir o dever em vida.

Dever para com quem?

Para com Deus, para com o princípio da Ordem e, sobretudo, para consigo mesmo: reconhecer uma vocação e assumi-la como sua própria vida.

O pior inimigo de uma sentinela é a necessidade do seu próprio corpo.

A divagação da mente não é a solução; a presença ativa, sim.

Como corolário de todas essas considerações, gostaria de salientar que as correspondências simbólicas e as conexões que eles sugerem são inúmeras neste assunto. Não é uma casualidade. Procurá-los e valorizá-los, porque tudo isso está no coração de todo caminho iniciático: a construção da própria personalidade na relação com o mundo e com o "Princípio". Exatamente o oposto de aquele "impessoal" mencionado acima.

uma boa vinda digna. Pela parte que nos pertence, procuramos trabalhar nesse sentido.

A ideia de ter, vou iluminar no horizonte ou talvez um vaga-lume para o homem de hoje, encontra o seu equilíbrio na doação: o seu tempo, as suas aptidões, o seu empenho; na verdade, sua própria vida.

Que as duas coisas são os lados de uma mesma moeda (mas seria mais correto dizer moedas) é para nós mais do que um axioma: é nossa maneira de ver nossa existência; por isso deixamos de perceber que constituem, em duas meias imagens, uma única face (o verso) e, portanto, nem mesmo procuramos perceber se existe a possibilidade de uma alternativa (o verso).

Pois bem, este mundo de "dar para ter" que tradicionalmente se equipara a dever, sempre teve a sua contrapartida real de ser, ou mais modestamente, no cultivo da ideia e às vezes na aquisição de alguns traços de persona.

Todos aqueles que deixaram uma marca profunda no pensamento humano, o foram, como por exemplo: Krishna, Hermes, Confúcio, Buda, Cristo, Pitágoras, etc. , mas também consideramos um São Francisco, São Sebastião, São Jorge, eles deram testemunho vivo em suas vidas da "capacidade de ser" persona a partir da renúncia do ego.



Usualmente e indevidamente definidos como "Grandes Iniciados" (desde que Édouard Schuré publicou o livro de mesmo nome em 1889), eles não são o padrão da vida iniciática, mas uma indicação de seu significado que devemos imitar como o livro Kempis (a imitação de Cristo).

Achamos o termo impróprio porque é enganoso dizer (e, portanto, pensar) que existem duas ou mais categorias de iniciados, grandes ou pequenos.

O caminho é único, todos aqueles que realmente o empreendem são "iniciados", mas muito poucos são aqueles que o percorrem eficazmente até o fim e além e, portanto, não podemos dizer grandes iniciados, mas, mais propriamente, homens "realizados" que buscam a verdadeira iniciação.

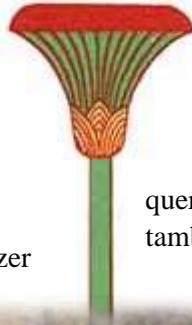
Tendo feito este esclarecimento ideológico-semântico, voltemos à "renúncia" como um ato de vontade, o ponto de partida peculiar de Siddhārtha Gautama, que estruturou toda a sua experiência de vida e a obtenção de conhecimento e liberação sobre ela.

Jesus Cristo, de quem recordamos por parábolas, pregações e milagres, mas sobretudo pela religião que São Paulo edificou sobre ele, e que Magdala conduziu secretamente, resumiu a sua existência terrena no cálice amargo da Paixão, que também poderíamos parafrasear "se puder, afaste de mim este cálice, porém, não faça a minha vontade", isto é, se para encontrar o Eu sou preciso morrer, eu desisto da vida.

Obviamente, exorto você a compreender e cultivar o significado simbólico desses eventos, ao invés do histórico ou devocional.

Portanto, vemos nesses exemplos que a renúncia, em vez da privação, é uma catarse, um desapego de "ter" para "ser".

Na verdade, olhando mais de perto, também podemos reconhecê-lo como uma manifestação real de "poder".



Referimo-nos ao conhecido artigo "Conhecimento das águas" de "Abraxas", publicado na "Ur" há quase um século, onde se afirma, entre tantas outras coisas importantes: "... porque tudo o que posso dizer quero, também devo poder não querer e, portanto, também ficar sem."

Em essência, não posso dizer que tudo o que aparece como "meu" pertence a mim; posso dispor dele e usufruir dos benefícios, mas se não posso ficar sem ele, renunciar, sou um escravo dele: sou eu que pertenço a ele.

Inversamente, se posso me privar dela (e não é imprescindível que isso aconteça, basta a certeza real dessa capacidade) eu domino esse vínculo, sou eu quem "posso".

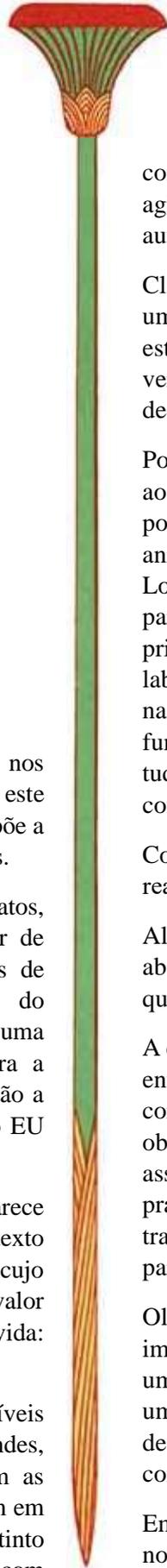
Na tradição hindu afirma-se que o homem realizado tem a faculdade de destruir, sem culpa, todo o

mundo manifestado; mas isto simplesmente não funciona, por que o mundo domina os homens.

Até agora lidamos com sistemas de pensamentos, com a história das religiões, com a mentalidade tradicional, e certamente expandimos muito além de nossas competências no assunto. Mas podemos dizer que "este problema não nos diz respeito ou que esta é uma forma "opcional" de ver a nossa vida?"

A primeira coisa que se pede a um iniciado, o pré-requisito para sua entrada na Loja, é privar-se de todos os metais que traz consigo; serão oferecidos simbolicamente ao Oriente, para testemunhar sua liberdade: livre de condicionamentos e capaz de fazer uma escolha sem hesitação que qualifique sua existência.

É a prova de saber agir como homem livre em busca, se não pela Libertação, pelo menos pela Liberdade. E certamente não perderemos tempo explicando pela enésima vez o que são esses "metais".



Na hipótese de sermos verdadeiramente capazes dessa dupla visão do mundo e de nós mesmos, exterior e interior, a liberdade de que passamos a gozar torna-se meio e fim, que de alguma forma se alimenta; concede conhecimento, tolerância, paciência e a capacidade de agir da maneira certa e na hora certa: poder espiritual autêntico.

Claro que é questionável, mas não podemos arriscar uma resposta; vamos tentar nos aproximar desse estado, dessas faculdades e se tudo o que dissermos for verdade, será também a capacidade de escolher e decidir o melhor.

Portanto, reduzamos a vontade de potência e voltemos ao pudor que nos convém, mas com a ideia precisa de poder atuar "magicamente" sobre as forças que nos animam, orientando-as de maneira adequada, pois a Loja maçônica nunca será apenas uma sala de estar para jogar, conversar e se divertir, mas será a nossa principal ferramenta para conquistar a verdade, um laboratório no qual produzirão ferramentas para agir na realidade. Mas, sendo um fato "mágico", para funcionar requer a renúncia ao fruto de nossa ação: tudo deve ser feito simplesmente porque temos consciência de sua necessidade.

Com isso, adquire-se a neutralidade necessária para realizar o "sacrifício", ou ação ritual.

Além do aspecto "moral", sugerido por essa abordagem da questão, no entanto, há outros motivos que devem ser considerados.

A distinção já mencionada entre o exterior e o interior, entre o Ego e o EU divino, entre a imagem e o objeto, corresponde perfeitamente à "especulatividade" da obra em loja, e pelo menos nós que participamos assiduamente nas sessões e que para este propósito, praticamos um rito, devemos deixar claro que não se trata de especulação mental, mas de arte especulativa para um trabalho prático real.

Olhando indiretamente para as coisas, retificando as imagens, considerando tudo como se não fossemos uma festa, sem fazer nada, dividindo e reunificando, é uma técnica que temos à nossa disposição, mas que devemos conhecer e usar com responsabilidade e consciência: um método indireto de análise e síntese.

Em termos tão explícitos, dificilmente é falado fora de nossos campos, mas esta é a natureza do nosso trabalho.

Parece, pois, evidente que, com a iniciação, nos ligamos a esta realidade, aceitamos e afirmamos este princípio e o defendemos, contra tudo o que se opõe a ele e que está oculto em tudo, até em nós mesmos.

Estamos nos referindo a pequenos fatos, circunstâncias, atitudes, que poderíamos rotular de várias maneiras, como vícios, erros, distorções de pensamento, mas que são todos simulacros do Impessoal, ou do que, se propondo como uma possibilidade efetiva, na verdade se opõe para a construção da nossa verdadeira personalidade: não a do nosso eu social e externo, mas à imagem do EU interno e real (divino).

Este conceito de renunciar ao que nos parece importante (e que só é importante em um contexto reductivo) para acessar uma esfera superior cujo conteúdo não conhecemos, mas cujo valor percebemos, é a estrutura de muitos aspectos da vida: biológico, social e iniciático.

Transições de estado mental, modificações de níveis de consciência, iniciações reais, pequenas ou grandes, que se sucedem na vida em coincidência com as variações da realidade percebida, também contém em si o paradigma de seu oposto, fortalecendo o instinto demoníaco (daimon!) que deve ser destruído para com ele reconstruir o deus.



A cultura profana, a erudição intelectual, a capacidade de fascinar e convencer, podem funcionar tanto na Loja como no mundo, mas eles desviam a eficácia do que fazemos, nas encostas fáceis e estéreis da banalidade.

Para nós eu tenho que dizer coisas difíceis e diretas que acontecem em nossas consciências, de modo que ao invés de encontrar aleatoriamente respostas fáceis, aprendemos a nos fazer algumas perguntas frutíferas.

FRATELLO ENNIO





**LUZ ASTRAL
PLANO ASTRAL**

**Ir.: Joules Boucher
(Charles Franklin)**

Existe um agente que é natural e divino, material e espiritual, um mediador plástico universal, um receptáculo comum das vibrações cinéticas e das imagens das formas, um fluido e uma força, que podem ser chamados de certo modo de Imaginação da Natureza, a existência dessa força é o grande arcano da magia prática.

O agente mágico ao qual os Magos se referem assim é a substância do mundo formativo ou mais particularmente da esfera de Yesod, conhecido como luz astral.

Definido em alguns lugares como um fluido ou meio onipresente que tudo permeia, constituído por matéria extremamente sutil, essa luz está difundida pelo espaço, interpenetrando todo objeto ou forma visível.

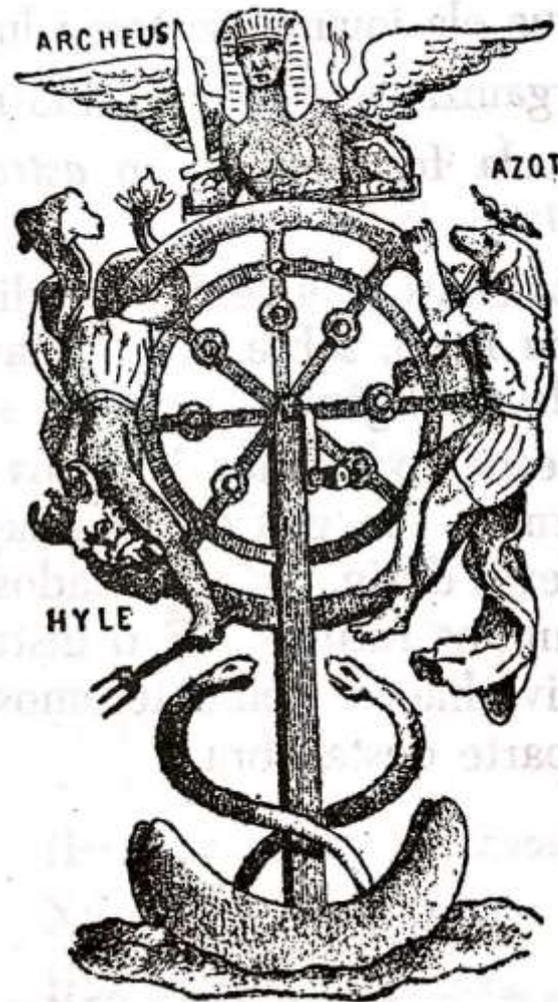
Se quisermos estabelecer tal idéia diferentemente, trata-se de um plano quadridimensional composto de uma substância etérea luminosa num estado sumamente tênue, substância em sua natureza elétrica, magnética e radioativa.

No interior dessa luz astral que individualmente trazemos conosco em todas as ocasiões e em todos os lugares, vivemos, movemos e somos.

Cada pensamento que temos grava uma impressão indelével na substância impressionável daquele plano que na verdade a tradição diz se fundir com alguma das criaturas daquele plano e então é transferido de nosso controle imediato para esse oceano pulsante de vitalidade e sentimento para influenciar outras mentes no bem ou no mal. Toda coisa viva respira e absorve essa luz livremente, não sendo exclusividade ou particularidade de nenhuma em particular.

“Esse fluido ambiente e que tudo penetra, esse raio destacado do esplendor do sol e fixado pelo peso da atmosfera e pelo poder de atração central, esse corpo do Espírito Santo, que chamamos de luz astral e agente universal, esse éter eletromagnético, calórico, vital e luminoso é representado nos antigos monumentos pelo cinto de Ísis que se enlaça num só nó ao redor de duas varas, pela serpente de cabeça taurina, pela serpente de cabeça de bode ou de cão, nas antigas teogonias pela serpente que devora a própria cauda, emblema da prudência e de Saturno.

É nesses termos simbólicos, eloquentes e singularmente expressivos à sua maneira, embora com ressaibo de verbosidade para o leitor final, que os magos descrevem a luz astral.



Vibrando a um índice cinético diferente da substância grosseira do mundo físico, e existindo assim num plano superior, a luz astral contém o planejamento ou modelo do construtor, por assim dizer, projetado em sentido descendente pela ideação ou imaginação do Pai. O planejamento com base no qual o mundo exterior é construído, e dentro de cuja essência jaz latente o potencial de todo crescimento e desenvolvimento. Todas as forças e “idéias” dos domínios criativo e arquetípico são representadas e focalizadas nesse agente plástico, o mundo formativo. Em muitos pontos, esse mundo formativo, o recipiente das forças criativas superiores, é comparável em seus aspectos mais inferiores ao éter da ciência. Há, contudo, uma ressalva.



A luz astral foi no passado e poderá no futuro ser verificada pela experiência direta visionária.

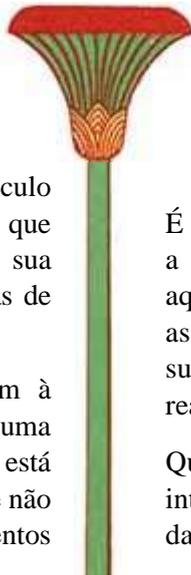
A concepção científica do éter hoje difere radicalmente daquilo que o cientista de meio século atrás entendia por éter luminífero. Tanto assim que avaliado por seus padrões e empregando sua linguagem, a moderna ideia de éter e suas ondas de irradiação não são realidades em absoluto.

Por outro lado, quando os teurgos se referem à substância magnética e elétrica da luz astral, uma condição ou estado metafísico da substância está implícito uma condição ou estado que atualmente não pode ser mensurado ou observado com instrumentos físicos, embora sua existência seja corroborada nos mesmos termos por uma série de videntes treinados e magos.

Chamo atenção particular para essa observação pois se enquadra aproximadamente na natureza de uma exata confirmação daquilo que os mais eminentes magos de todos os tempos escreveram relativamente a Alma do Mundo, Anima Mundi ou o Azoth. Essa energia espiritual a que tudo permeia é o éter de luz, éter refletor, força vital, self, energia espírito, chi, luz astral, essência cósmica, quinta essência, nous, é fonte da existência física espiritual e astral e todos do homem do universo e nós desfrutamos desta energia que se estende ao longo do espaço e do tempo, servindo como o meio de evolução, e das vibrações de todos os tipos, difere em poucos pontos essenciais, mais que pode ser comparada como uma semente de luz divina semeada pelo Grande Arquiteto do Universo em todos os seres. Reside, como já afirmamos, num plano existencial e consciencial completamente diferente, e suas partículas vibram de uma tal maneira e a uma tal taxa de movimento que são inteiramente invisíveis e imperceptíveis aos nossos sentidos comuns exteriores

O PLANO ASTRAL

A definição em que insistem constantemente os teurgos relativamente a esse plano etéreo ou plano astral é que se trata de um estágio de substância plástica refinada, menos densa e grosseira que aquela



que vemos normalmente em torno de nós, de natureza magnética e elétrica, servindo como o fundamento real sobre o qual as formas e acúmulo de átomos do universo físico se ordenam a si mesmos.

É o plano que, em seu aspecto mais inferior, constitui a verdadeira cloaca do universo, compreendendo aquela faceta da consciência que dirige os instintos e as energias dos animais; em suas ramificações superiores, elevando-se além dessa esfera mundana, realmente faz fronteira com o divino.

Quero insistir enfaticamente com relação a esta dupla interpretação do plano astral, éter mágico, éter de luz, da luz astral, da energia espírito, é que os Mestres falam e apresentam, que neste plano de energia espiritual estão incluídos um elemento inferior vil e um elemento superior nobre, ou seja, polaridades negativa e positiva.

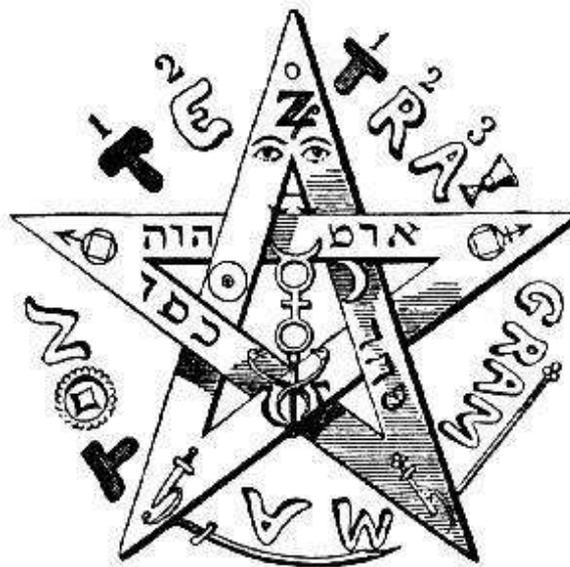
O primeiro é a base da causa feita por si mesma de muitos dos males da espécie humana, o segundo é o fogo central e a Alma do Mundo.

O divino Astral é solar e celestial por natureza, enquanto que o grosseiro Astral é lunar, reflexivo e puramente automático.

Do ponto de vista prático com muito treinamento através do corpo astral podemos acessar esse plano, que é o agente mágico ao qual a visão treinada e acumulada dos teurgos atribuiu o poder de transmitir vibrações e impressões não somente de luz, calor e som físicos, mas também aquelas vibrações mais sutis e menos tangíveis, que não são, todavia, menos reais por sua imperceptibilidade, que pertencem a correntes projetadas de Vontade, pensamento e sentimento se chama esse instrumento de imaginação da natureza, porquanto está sempre vivo de ricas formas, sonhos exóticos, imagens luxuriantes, o veículo imediato das faculdades mentais e emocionais.

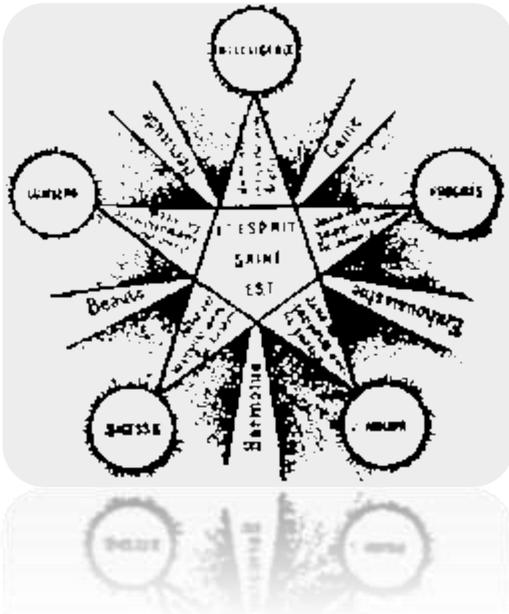
O controle desse plano constitui de um certo ponto de vista a Grande Obra.

Alguns magos, opinavam que o segredo mágico central é o da orientação sob vontade desse arcano. Sendo o veículo em que são registradas



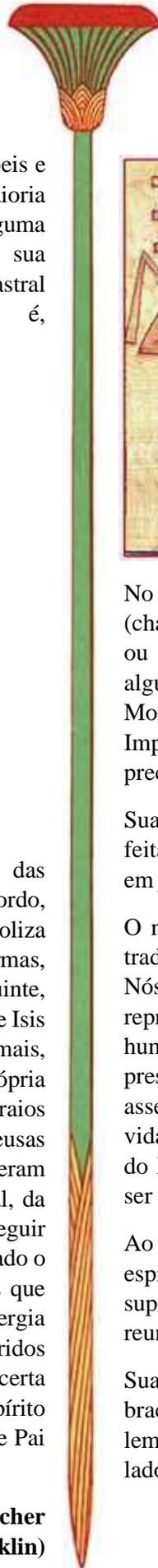


dinamicamente as paixões e impressões mentais de toda a espécie humana, a memória da natureza inferior, e estando presente na Terra todo o tempo, visto que tudo penetra e é um plano destacado do físico, seu conteúdo deve influenciar muito as mentes de homens débeis e sensíveis. E não apenas esses últimos, como a maioria das crianças da Terra é influenciada de alguma maneira pelas correntes que ondulam por sua substância. A conexão da lua e Isis com o plano astral é,



entretanto, inteiramente válida, a maioria das autoridades nesse ponto estando de pleno acordo, astrologicamente, a lua é o planeta que simboliza mudança e fluxo, e as contínuas alterações das formas, a troca das condições no Astral. Por conseguinte, estabelecer uma relação entre a lua e a luz astral de Isis é uma correspondência perfeitamente óbvia. Ademais, foi observado que a lua não brilha graças à sua própria luz interna e autogerada, mas sim por refletir os raios do sol, a luz de Osíris o Divino Astral. Assim as deusas que presidiam entre os antigos ao nascimento eram deusas da lua e, conseqüentemente, da luz astral, da Divina Isis a Rainha do plano astral. E quem conseguir acessar ou ter controle no plano astral terá levantado o véu de Isis, o iniciado que entender as relações que existem entre a luz astral como fonte de energia primordial, e o plano astral ao qual estamos inseridos com nossos corpos astrais sendo mediadores e de certa forma e responsáveis pela evolução do nosso espírito e nossa alma será guiado pela rainha dos céus ate Pai Eterno.

**Ir. : Jules Boucher
(Charles Franklin)**



TETH E DJED

Fratello Carlo

A origem da simbologia egípcia está longe de ser conhecida, portanto, no máximo, podemos falar de suposições e, em todo caso, com grande cautela. Isso também se aplica aos signos singulares do Teth, mais conhecidos no Ocidente como Tet (também declinado como Thet, Tit, Tjt ou novamente Tiet) e Ged (também declinado como Zed, Djed ou Ded), que, em certo sentido, podemos entender como complementares.



No caso do Tet, também conhecido como "Nó de Ísis" (chamado segundo alguns, originalmente, Nó de Seth ou Nó da Vida ou Nó de Ísis), podemos encontrar algumas evidências, embora inequívocas, no Livro dos Mortos (Papiro de Turim cap. CLVI) que remonta ao Império Novo, que o associa precisamente a Ísis e mais precisamente à magia e ao "sangue" da deusa.

Sua cor usual, na verdade, é o vermelho e costumava ser feita de cerâmica escarlata ou obtida de uma escultura em jaspe.

O nó como um símbolo mágico, egípcio ou de outra tradição (o mesmo poderia se aplicar aos nossos sete Nós do Amor da corda no interior do templo), representa um ponto de convergência entre as forças humanas e divinas; portanto, dado que o que estava preso nesta terra seria mesmo no céu, por um lado, assegurou um poderoso a proteção dos membros em vida, por outro lado, revelando o segredo dos caminhos do Duat, que era visto como um elemento essencial a ser utilizado na jornada para a vida após a morte.

Ao harmonizar o físico, o energético astral e o mental espiritual, o Tet representou a força necessária para superar os testes de iniciação e a morte, a fim de se reunir com a consciência cósmica.

Sua forma é muito semelhante à do Ankh, mas com os braços apontando para baixo; no entanto, também lembra uma figura humana com os braços estendidos ao lado do corpo.



Na tradição egípcia, ele tinha que ser purificado com água perfumada e em seguida "carregado" magicamente pelos sacerdotes e sacerdotisas do culto de Ísis através de rituais muito especiais.

A partir do Império Novo, durante o qual o Tet surgiu com o significado tanto na forma de amuleto, quanto na forma transformada num verdadeiro "nó", ele sobreviveu assim até o período romano, quando Ptolomeu o tornou num elemento da iconografia sagrada cristã que, nos períodos medieval e renascentista, fez amplo uso simbólico dela (ver a este respeito algumas obras importantes por Andrea Mantegna ou Piero della Francesca).

Desde seu surgimento por volta de 1530 AC, no entanto, também o encontramos como elemento arquitetônico na decoração de tumbas, nos baixos-relevos e frisos dos templos (ver os de Arquivo e Dendera) e em objetos funerários.

Nos últimos casos, o Nó Tet é muitas vezes acoplado a um símbolo muito mais antigo, pois, na verdade, deriva do período protodinástico: o Pilar de Ged (mencionado acima).

Este símbolo parece fazer sua primeira aparição no Egito Neolítico em 3000 aC. sob a forma de fetiche ou totem, associado aos cultos da fertilidade e, mais geralmente, ao trigo, o alimento essencial da alimentação egípcia.

A associação desse símbolo com Osíris pode ter ocorrido em um período posterior de forma completamente natural, já que Osíris também era considerado uma divindade ligada ao trigo. Portanto, assim como o Nó de Tet é o símbolo de Ísis, o Pilar de Ged pode ser entendido como o de seu amado marido Osíris, e sua união (Tet e Djed) representa, assim, a representação do mais famoso casal real do antigo Egito (Ísis e Osiris).

Por exemplo, veja o pórtico do Templo de Phile onde o par de símbolos é acompanhado pela imagem de Kheperer, o Escaravelho, indicando a função mágico-apotropaica (sacrificial) de renascimento eterno.



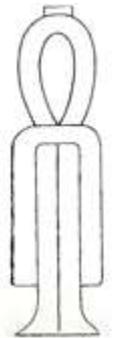
Essa combinação poderia evocar a imagem do casal alquímico, o único que preside a transmutação dos metais em ouro.

Em Dendera, esta decoração é particularmente visível no pequeno templo de Osíris, esculpido no último registo das paredes sobranceiras ao famoso santuário. Naquele lugar sagrado, durante os mistérios de Osíris, segundo alguns estudiosos, rituais misteriosos eram celebrados para a transformação de cereais em ouro.

Quanto à interpretação mais adequada da forma desse hieróglifo, às vezes apresentado de forma antropomórfica, equipado com duas pequenas armas que seguram a insígnia real, várias hipóteses podem ser apresentadas, mas todas sem confirmação.

Certamente, partindo de sua raiz etimológica, a palavra Ged (djedet) significa: "duração, estabilidade", referindo-se assim a algo muito estável e certamente duradouro.

Nos Textos das Pirâmides, ele é de fato representado no ato de segurar a abóbada do céu, em outras representações ele sustenta o disco solar.



Desde o início do Império Antigo, o pilar Ged é, no entanto, um objeto sagrado que era usado em cerimônias e rituais particulares, como evidenciado pelos hieróglifos das Mastabas Saqqara (tumbas do saggara), através dos quais os "Sacerdotes do Venerável Ged" são repetidamente mencionados.

Segundo o egiptólogo alemão Hans Bonnet (1887-1972) no Império Novo, a simbologia Osírfica atingiu sua completude e naquele momento o Ged assumiu seu sentido pleno ao ser associado à coluna vertebral do deus Osíris, pois também de acordo com o seu aspecto físico, que é uma forma composta por um pilar vertical que parece terminar com quatro vértebras.





No templo de Seti I, em Abdo, aparece uma bela pintura policromada, ilustrando a elevação do Ged. Deitado no chão ele representa a morte, sua ereção representa o movimento em direção à ressurreição, para que o falecido (ou o iniciado) assim como Osíris possa proclamar, como



indicado no Livro dos Mortos:

“Eu sou aquele que está por trás do Pilar de Djed”.

Na mesma perspectiva, as festas jubilares de Set, o Heb-Sed, que os faraós celebravam no final do trigésimo ano do reinado e que incluíam três fases: na primeira, repetia-se o cerimonial da coroação; no segundo, havia uma grande cena com a família do soberano; no terceiro, o pilar de Djed era erguido pelo faraó. O ritual era acompanhado por competições esportivas de luta livre que parecem simbolizar a passagem do poder de Osíris a seu filho Hórus, que se revelou vencedor de seu rival Seth: na prática, segundo alguns, uma alegoria do triunfo da vida sobre a morte, da ordem sobre o caos.

O Ged é, no entanto, também um símbolo de realeza; Sempre de acordo com Hans Bonnet (Verdadeira enciclopédia da história religiosa egípcia - Berlim, 1952), mesmo antes de ser associada a Osíris, estava ligada à divindade ctônica Ptah (ou Tanen, Tatenen, Tathemen, Peth, Phtha, Fthà), deus criador e demiurgo da cidade de Memphis, santo padroeiro dos artesãos e

arquitetos, bem como do conhecimento e do saber (ele próprio foi engenheiro, pedreiro, ferreiro, artista).

Na verdade, um dos quatro qualificadores de Ptah é "estável em ambos os pés", sendo às vezes considerado uma personificação de Ta-tenen, a matéria primordial.

A cerimônia de ressurreição do Djed, antes de ser celebrada em Abdos com o advento do Novo Reino, foi celebrada em Memphis conforme descrito pelo próprio Bonnet: "Foi oficiada na noite anterior ao dia da coroação de Hórus e a festa dos trinta anos de Sed, na presença do rei e sua família em Memphis. O clímax da festa correspondeu ao momento em que o soberano, com a ajuda dos sacerdotes e do sumo sacerdote de Mênfis, ergueu uma coluna de Djed puxando-a com uma corda, até ficar reta. Certamente foi um símbolo e um desejo duradouro do reino”.

Na nossa liturgia, o Nó de Ísis, que é o princípio feminino, é substituído pela Chave do Nilo (Ankh) que permite ao iniciado, após ter passado pela pesagem do coração e ser reconhecido como "puro", fertilizar o trono de Aset (ou seja, a própria Ísis) recompondo assim sua verdadeira natureza.

O levantamento do pilar Djed lembra o iniciado que jurou em seu coração reconstruir o império (sua vida) que agora começa sua perigosa jornada pelo Duat (o mundo sobrenatural repleto de dificuldades e perigos), em direção à imortalidade da sua alma, a partir da qual tudo recomeça.

FRATELLO CARLO



NO CAMINHO ESPIRITUAL SOMOS ETERNOS APRENDIZES

Irmã Karol Carvalho

Ter espiritualidade é ser espiritual.
Ser espiritual é obter equilíbrio entre o instintivo e o emocional.

Para obter este equilíbrio da dualidade, o adepto deve harmonizar sua vida material com a espiritual.

Para harmonizar a ambiguidade material e espiritual, deve-se ter espiritualidade!

Assim recomeça o ciclo, simbolizado pelos antigos no Oroboros.

Durante essa jornada cíclica em busca da espiritualidade, devemos aprender a reconhecer quem realmente somos, de onde viemos, aonde estamos, para onde vamos e o porquê dessa jornada.

No final da jornada, adquirimos autodomínio e autoconhecimento.

Aprendemos a saber olhar para o corpo quando ele está a pedir socorro, porém dando-lhe limites à sua voz exageradamente egoísta, que pode muitas vezes nos conduzir ao abismo mortal, que são as circunstâncias em que a alma e a psiquê jamais iriam suportar!

Portanto não se deve colocar à prova a sua espiritualidade, porque a espiritualidade não é um rótulo, não é estilo de vida, ela é simplesmente viver integralmente equilibrando ambas as colunas!

Espiritualidade é viver o caminho de AUTO CONHECIMENTO.

Portanto, o humano não deixa de ser espiritual ao abandonar ou ao se apegar a outro dogma espiritual, seja Pagão, Hindu, Judaico, Cristão, Islâmico, Budista ou Espirita.

O humano deixa de ser espiritual quando deixa de viver seguindo os próprios princípios!

O humano deixa de ser espiritual quando perde a empatia pelo seu próximo.

A empatia é a principal base espiritual, pois o deus que habita em mim é o mesmo que habita em você.



Logo, ser espiritual é compreender no outro aquilo que há em você, vícios e virtudes.

Ser espiritual é não subestimar o potencial do seu irmão.

Ser espiritual é não manipular situação para se manter na zona de conforto.

Portanto, ser espiritual é quebrar os próprios paradigmas, evitar caprichos e sair dessa Zona de conforto, conquistando por si a emancipação de sua alma, sem depender de outrem em sua jornada.

Conhecer a si mesmo, é caminhar sem medo na direção da sua consciência mais íntima, estreitando a comunicação com o seu EU SUPERIOR!

Conhecer-se a si mesmo, é saber lidar com as dores e as pedras no caminho, pois sempre haverá uma pedra no caminho para, ao desviar dela, adquirir maturidade espiritual.

Ao maturar seu conhecimento em sabedoria, compreende-se que ambos os caminhos levam ao alto da montanha e que somente o modo de visão no alto da montanha se altera.

O final do caminho jamais muda.

Portanto, não se prenda à pedra e nem ao caminho, mas trabalhe para compreender o motivo da pedra estar no seu caminho e como contorna-la, pois no caminho de todos sempre haverá uma pedra, peculiar a própria necessidade de aprendizado e evolução.

Compreender o seu lugar, o seu caminho e a sua pedra, é adquirir a excelsa compreensão existencial, pois quando você compreende a si, você compreende também os outros e as situações que os colocam no seu caminho.

Eis o estado da plenitude e de paz profunda, em que você não mais julga, apenas compreende o ciclo do universo que rodopia e recomeça.

Novamente concluímos que a vida é uma jornada em espiral, em que você pode aceitar e dançar conforme a música, permanecendo preso à roda de Samsara, ou você enfrenta o caminho, desviando da pedra e continua a evoluir até o destino celestial.



Ser espiritual, é ter espiritualidade, é adquirir autodomínio e autoconhecimento, é manter viva a empatia, é ser um eterno aprendiz na escola universal, que é tanto externa como interna, quando em cada ano letivo, que corresponde as encarnações corporais em múltiplas vivências, nós trocamos de cascas, numa eterna metamorfose cosmogônica.

Mas advirto-vos.

Fanatismo demais é alienação, pois, tudo o que é exagerado, seja no âmbito material, seja na esfera espiritual, acaba saindo do eixo e da normalidade da ordem cósmica.

Lembre-se, ser e ter espiritualidade é possuir equilíbrio, é trilhar o caminho do meio.

Então aquele que busca ser e ter espiritualidade deve saber olhar em si e perceber que tanto o corpo quanto a alma clamam por você! Entretanto, na busca da espiritualidade você deve atentar para ambas as necessidades, do corpo e da alma, não somente para uma, pois o ser espiritual é ser parte integral do TODO.

Não se esqueça as palavras do divino mestre:

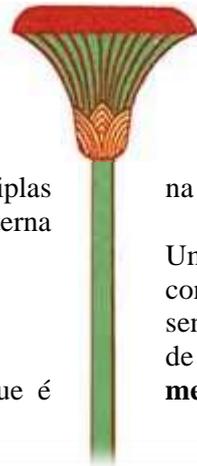
- "Dê a César o que é de César (material) e dê a Deus o que é de Deus (espiritual)."

Para transmutar tudo o que fere teu corpo instintivo material e sua alma emocional astral em virtudes curativas correspondentes, o espírito humano deve trabalhar em ambas as colunas, Jakin e Boaz, pois tudo o que te fere, seja material, emocional ou intelectual, é na verdade aquilo o que você precisa trabalhar em si.

O aforismo maçônico "**Cavar masmorras aos vícios e edificar templos às virtudes**", corresponde ao ato de retificar as pedras (forças instintivas) das masmorras e reutiliza-las para construir o templo da verdade e das virtudes (razão e intelecto).

Para aqueles que pensam que devemos matar o Ego, afirmamos sem equívocos que estão enganados, pois a morte do ego tem por consequência a sua morte existencial!

O ego não deve ser assassinado assim como foi Hiram, Osíris ou Jacques DeMolay. O iniciado deve aprender a separar o joio do trigo, isto é, separar o ego superior



racional do seu ego inferior instintivo, para que sob comando do ego central detentor do livre arbítrio, ele possa usar o ego inferior na matéria aos impulsos e necessidades corporais, e ego superior nas questões da esfera espiritual, na erudição intelectual.

Um mestre ou um santo deve ser venerado, contemplado e admirado, mas jamais vestido como sendo sua imagem perfeita, pois está escrito no templo de Apolo em Delfos: "**Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os seus deuses**"!



Portanto, conhecendo a si mesmo, poderás conhecer a face de deus em si em outrem, ou seja, em suas múltiplas formas no universo. Logo, volte teu olhar, a sua consciência para dentro, jamais para fora, pois quando olha para fora e se reveste com a imagem do santo, com a personalidade do mestre, perde-se o caminho do autoconhecimento, e por consequência torna-se num errante alienado que deverá purgar os erros com o fogo do arrependimento!

Por fim, concluo que ser espiritual é conhecer e equilibrar sua luz e as suas trevas, porque somente iluminando as sombras poder-se-á adquirir aprendizado, pois a luz é ausência da escuridão e as trevas obscuras é a ausência da luz. A luz existe para clarear a escuridão e a escuridão existe para motivar a existência da luz. Eis a essência do Mito de Narciso.

Ser **ESPIRITUAL** é encontrar, aceitar e iluminar os nossos próprios demônios, que são as sombras da nossa alma e as fraquezas do nosso corpo físico. Portanto devemos equilibrar a luz e a sombra, sabendo nos elevar até a luz, para assim como Prometeu, trazer a luz do fogo divino à terra para iluminar nossas sombras.

A espiritualidade não é boa e nem má, mas justa!



Para você ser espiritual, deve-se alcançar o alto e encarar o abaixo, ir ao céu e descer aos infernos, é coagular a luz astral e solve-a no material.

Volto a dizer, tenha equilíbrio, pois tudo o que é em demasia, torná-lo-á alienado. Se você está alienado com algum rótulo, jamais você irá estreitar contato com o seu eu íntimo mais elevado. Pois, para conhecê-lo é preciso quebrar os próprios paradigmas, equilibrar luz e sombra, enfrentar todas as adversidades que atormentam o ego, fortalecendo-o, demonstrando coragem e jamais fugindo das responsabilidades adquiridas, pois a espiritualidade real não bela como as estórias infantis, ela é empírica, dura e cruel; e somente os fortes, os verdadeiros heróis podem conquistá-la sem atraso, mas sempre com cicatrizes.



Em outros termos mais claros, ser e ter espiritualidade, é aceitar a realidade aqui na Terra, é enfrentar os problemas e adversidades, é vivê-los sem fugir, é aceitar e passar pelo “inferno” pessoal, para no terceiro dia ressuscitar luminoso e reintegrar ao céu, contemplando seu excelso deus íntimo, porque somente por esse processo alquímico poderás dissolver todas as suas debilidades e fraquezas carnis.

Viver somente o espiritual e abdicar o material, é fugir da realidade integral do seu ser, que é trino e deve por isto ser experienciado nas suas três esferas de existência.

Portanto, não fuja da sua realidade Terrena, pois ela tem muito aprendizado para lhe ensinar. Através dessa jornada encontrarás o SEGREDO DA ALMA e a CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS, chamado pelo antigos de GRANDE ARCANO.

Repito:

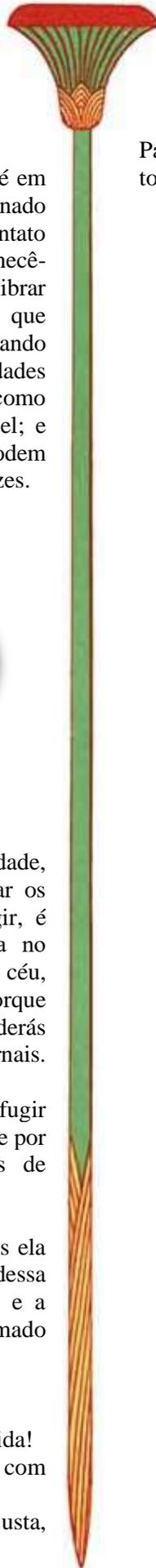
"A espiritualidade não é um rótulo ou estilo de vida!
A espiritualidade é a vida em sua forma integral, com altos e baixos, alegrias e tristezas.

A espiritualidade não é boa e nem má, ela é justa, rígida, dura e empírica.

A espiritualidade é o segredo da consciência mais íntima do SER.

Para lapidar-se e encontrar a si, tu deves se portar em toda a sua vida como um ETERNO APRENDIZ."

IRMÃ KAROL CARVALHO





O DIA DE FINADOS A MORTE NÃO EXISTE

Refletindo o legado da Dra. Kübler-Ross

FR+ Irmão Leigo

Caros peregrinos.

Trago um texto maravilhoso, que apesar longo, é indispensável ao verdadeiro e sincero buscador.

Em certa ocasião, a psiquiatra suíça Dra. Kübler-Ross afirmou que após finalizar suas investigações com pacientes que passaram pelo quadro de 'quase-morte', ela concluiu que a morte não existia, pois aquilo que chamamos 'morte' seria apenas um processo de abandono do corpo físico, similarmente ao que ocorre com uma borboleta ao deixar o seu casulo de seda.

Assim ela diz:

"Nenhum dos meus pacientes enfermos que viveram a experiência de quase-morte demonstrou medo de morrer depois disso. Nem um deles, nem mesmo as crianças.

Tivemos o caso de uma menina de 12 anos que morreu clinicamente, mas que ao ser ressuscitada por nós, descreveu ter visto um brilho magnífico. Independentemente do brilho extraordinário que viu e que também foram descritos pela maioria de outros sobreviventes em estado moribundo, o que este caso tem de particular é que a menina afirmou que o seu irmão estava ao seu lado e a abraçou com muito amor e ternura. Depois de contar tudo isso ao pai dela diante da nossa presença, ela disse a ele:

- A única coisa que eu não entendo sobre tudo isso que eu vi, é o fato de que eu realmente não tenho um irmão.'

Seu pai passou a chorar e em prantos, disse à menina que:

- Na verdade, você tinha um irmão e que ninguém havia lhe falado antes, porque o seu irmão havia morrido três meses antes do seu nascimento'."

A Doutora acrescentou:

"Em vários casos de acidente de trânsito em que alguns membros da família morriam imediatamente no local do acidente e os outros sobreviventes eram



socorridos a hospitais, eu normalmente recebia a missão especial de cuidar das crianças, sentando-me à cabeceira daquelas que estavam em estado crítico.

Eu tinha consciência e a certeza de que essas crianças em estado de coma, muitos em estado moribundos, elas não sabiam quantos da família e nem quem já estava morto naquele acidente.

Em determinado caso, quando no momento em que eu perguntei a eles

se eles estavam dispostos e se eles eram capazes de compartilhar suas experiências, uma daquelas crianças moribundas disse-me por sua última vez:

- 'Tudo está bem doutora. Minha mãe e o Pedro estão aqui me esperando.'

Logo aquela criança adormeceu para nunca mais voltar.

O extraordinário é o fato de que eu já sabia que a mãe dessa criança já tinha falecido no local do acidente, mas ignorava que Pedro, o seu irmão, tinha acabado de morrer exatamente 10 minutos antes."

A Dra. Köbler-Ross explicou em seus livros que exatamente depois de abandonar o corpo físico e reencontrar (e reconhecer) os entes queridos que amou e que partiram antes, a alma humana passa por uma fase de transição totalmente marcada por fatores culturais terrestres. Essa transição se assemelha a um túnel, um alpendre ou a uma travessia por sobre uma ponte coberta.

Nessa travessia há uma luz que brilha no final.

Dra. Köbler-Ross continua:

" - E aquela luz era mais branca, de clareza absoluta, à medida que os pacientes se aproximavam dela. E eles se sentiam preenchidos do amor maior, um amor indescritível e incondicional que jamais alguém encarnado poderia imaginar. Não há palavras para descrever isso.



Quando alguém tem uma experiência no limiar da morte (quase-morte), ela só consegue olhar para essa luz, mas é por um momento muito breve. De qualquer forma, quando se vê a luz, os moribundos afirmam não querer mais voltar atrás.

Diante dessa luz, eles perceberam pela primeira vez o que poderiam ter sido em suas vidas se não tivessem feito tal qual ato.

Nessa transição as almas vivem a compreensão sem julgamento, um amor incondicional, indizível. E nesta presença, a quem muitos chamam Deus ou Cristo, Amor Divino ou Luz Celestial, elas percebem que toda a vida aqui em baixo não passa de uma fase de uma só e única vida eterna.

E durante essa passagem, elas recordam exatamente cada pensamento que tiveram em todos os momentos de suas vidas na terra, recordam cada ato que fizeram e cada palavra que proferiram.

No momento em que eles contemplam mais uma vez e por uma última vez toda a sua vida, eles compreendem e interpretaram todas as consequências de cada um dos seus atos, pensamentos, palavras e ações. Muitos chegam à conclusão de que Deus é somente amor e felicidade incondicional, e que depois dessa 'revisão' integral da sua vida, eles não culpam mais Deus como responsável pelos infortúnios dos seus destinos. Todos eles perceberam e compreenderam que eles mesmos eram os únicos responsáveis e piores inimigos, não outrem senão eles próprios.

Diante tal conclusão, eles se repreenderam por terem deixado passar tantas oportunidades para crescer.

Doravante eles sabem agora que quando se acidentaram, quando sua casa queimou, quando seu filho morreu, quando seu marido (ou esposa) foi ferido ou quando eles sofreram um ataque de derrame cerebral, todos esses golpes da sorte em vida, eram chances de enriquecerem e crescerem com entes vivos individuais".

A Dra. Kübler-Ross, ao concluir, faz uma recomendação a todos os que sofrem o drama de ver alguém que ama, morrer:

"Você precisa saber que se você se aproxima da cama do seu pai ou da sua mãe em estado moribundo, mesmo que eles já estejam em estado de coma profundo, ouça tudo o que eles dizem ou o que seu próprio pensamento replica em sua mente; e saiba, que em hipótese alguma é tarde para expressar: 'eu sinto muito', 'eu te amo', ou 'há mais alguma coisa que você quer dizer' ou 'que eu possa fazer por você'.

Nunca é tarde para dizer essas palavras, mesmo depois da morte, pois as pessoas falecidas continuam vivendo e ouvindo.

Também neste momento podem ser resolvidos 'assuntos pendentes', mesmo que estas datem dez ou vinte anos atrás. Eles podem se libertar da sua culpa para poder voltar a viver por si mesmos a nova vida além da luz ao final do túnel".



A Dra. Köbler-Ross, depois de ter sofrido em 1995 uma série de apoplexias (derrames cerebrais) que paralisaram o lado direito de seu rosto, ela morreu somente em 24 de agosto de 2004 no Arizona.

Ela enfrentou sua própria morte com a mesma coragem que enfrentou a morte dos outros, e com a coragem que aprendeu com os seus pacientes menores (as crianças).

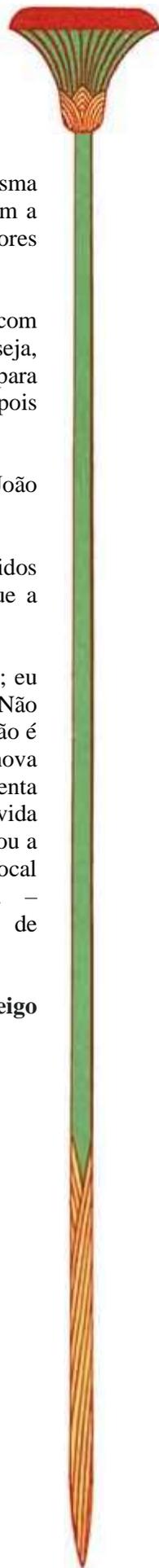
No final da vida, ela só pediu para ser despedida com um rito similar aos realizado pelos egípcios, ou seja, com festa, com alegria e lançando balões ao céu para anunciar sua chegada nesta nova morada, pois conforme disse o divino mestre:

"Na casa de meu Pai há muitas moradas". – (João 14:2)

No leito de morte, seus amigos e entes queridos perguntaram se ela tinha medo da morte, do que a doutora Elizabeth Köbler-Ross replicou:

- "Não! Em hipótese alguma a morte me assusta; eu diria que antecipadamente ela me dá alegria. Não temos nada a temer pela morte, porque a morte não é o fim, mas sim um começo radiante de uma nova jornada. Nossa vida no corpo terreno representa apenas uma parte muito pequena da nossa vida existencial. Nossa morte é ilusória e não é o fim ou a aniquilação total, mas uma transição para um local aonde nos esperam alegrias maravilhosas". – Elisabeth Kübler-Ross, M.D. (8 de junho de 1926 — 24 de agosto de 2004).

FR+ Irmão Leigo





AVISO

Caros peregrinos.

Para o próximo ano de 2022, teremos iniciações presenciais ao grau Akusmatikoi, conhecido na maçonaria como Aprendiz Maçom Gnóstico.

Aqueles que fizeram o curso e os demais interessados, deverão enviar e-mail para:

e-mail: secretaria.aprormm@gmail.com

Para demonstrar que nossa linhagem não visa lucros, foram escolhidos 05 (cinco) buscadores, irmão ou irmã, para serem iniciados em nossa loja em São Paulo/SP, sem pagar qualquer taxa.

Esclarecemos que o único ônus que eles terão em sua iniciação será referente a sua vestimenta pessoal (balandrau) e o material de estudo ao primeiro grau.

Desejamos encontra-los em 2022 para trabalharmos juntos pela nossa egrégora maçônica em sua vertente mística e gnóstica.



OS INTERESSADOS DEVERÃO INFORMAR

- *Nome e Sobrenome;
- *Data de Nascimento;
- *Cidade de Nascimento;
- *Cidade e Estado onde reside;
- *Por que gostaria de ser iniciado na Maçonaria Gnóstica, cuja vertente mística não visa status social?

e-Mail: secretaria.aprormm@gmail.com



Handwritten text in a box at the top right of the scene, likely a title or description in a foreign language.

